

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

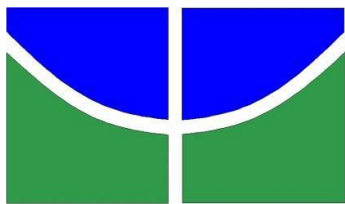
Professora orientadora: Nélia Del Bianco

Aprender diferente é normal

Educação inclusiva e ensino especial na rede pública do DF– Série de rádio

Rafaella Teixeira Felix

Brasília- DF, Dezembro de 2013



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Professora orientadora: Nélia Del Bianco

Aprender diferente é normal

Educação inclusiva e ensino especial na rede pública do DF– Série de rádio

Rafaella Teixeira Felix

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social sob orientação da professora Nélia Del Bianco.

Brasília - DF, Dezembro de 2013

Aprender diferente é normal

Educação inclusiva e ensino especial na rede pública do DF– Série de rádio

Rafaella Teixeira Felix

Brasília - DF, Dezembro de 2013

Membros da Banca Examinadora

Profa. Nélia Rodrigues Del Bianco (Orientadora)

Prof. Carlos Eduardo Machado da Costa Esch

Prof. Fernando Oliveira Paulino

Profa. Ellis Regina (suplente)

“Vontade de colocar um bilhetinho de muito obrigada
embaixo da porta de Deus.”

Agradecimentos

Hora de agradecer as pessoas que contribuíram de alguma forma para que eu concluísse o curso de jornalismo. Enfim, terminou! Escrever às vezes é muito pouco, mas é uma forma de retribuir.

Quem me conhece sabe que o primeiro agradecimento seria para Ele, para Deus, amigo e parceiro durante toda jornada. Agradeço ao amor enorme da minha mãe Lúcia e do meu pai Euser, que não está mais aqui. Faltou você pai, mas o seu amor esteve comigo. Aos meus irmãos Bruna, Dany, Ted e Cícero meus fãs número zero, obrigada pelo apoio, carinho e risos. Aos sobrinhos Bela e Gú e aos cunhadinhos Kelly e Charles.

Agradeço a professora Nélia pela orientação e conselhos valiosos, que contribuíram imensamente para minha formação e aos professores da FAC. Ao Júnior, que realizou um trabalho técnico fantástico e a Ramilla Rodrigues pela arte gráfica. Aos colegas da CBN e da Câmara dos Deputados, que colaboraram para a profissional que me tornei. Em especial, a Raquel Flores e Raquel Miura, jornalistas que tiveram paciência para me ensinar a apurar e escrever melhor.

As amigas Monique, Jirlaine, Ananda e Kelsiane a amizade de vocês deixou o caminho imensamente mais feliz. Aos amigos e tios do Segue-me, que não economizaram na torcida e carinho.

Por fim, agradeço aos professores, alunos e mães de alunos que aceitaram participar deste projeto final. Muito obrigada.

Resumo

Este memorial apresenta o processo de produção, apuração e edição da série de rádio *Aprender diferente é normal*. *Aprender diferente é normal* é uma série dividida em cinco reportagens, que abordam como é organizado o ensino especial (voltado para alunos com necessidades específicas) e escolas inclusivas (incluem alunos especiais ao ensino regular da rede pública) do Distrito Federal. Para realização da série visitaram-se a Escola Classe 410, na Asa Sul, e o Centro de Ensino Especial de Planaltina.

São apresentadas, ainda, adaptações no ensino, formação de professores, famílias dos alunos com necessidades específicas e projeto de lei, que sugere mudança no financiamento para escolas especializadas na educação especial, em âmbito nacional. Entender as adaptações no ensino como um direito e o interesse do público por pautas sobre educação e inclusão escolar são alguns dos resultados obtidos na produção da série.

Palavra-chave: Educação inclusiva; ensino especial; Distrito Federal; reportagem; rádio.

Sumário

Resumo.....	6
Apresentação.....	8
1.1. Justificativa	10
1.2. Objetivos	12
1.2.1. Geral	12
1.2.2. Específicos	12
2. Referencial teórico	14
2.1 Inclusão Escolar – breve histórico.....	14
2.1.1 Inclusão Escolar - na prática.....	15
2.2 Legislação.....	15
2.3 Jornalismo por meio da reportagem.....	16
2.4 Educação especial na mídia	16
3. Metodologia	18
3.1 Produto.....	18
3.2 Ideia inicial.....	18
3.3 Rádio	19
3.4 Entrevista.....	20
3.5 Escolha das instituições de ensino.....	21
3.6 Escola Classe 410, Brasília.....	22
3.7 Centro de Ensino Especial de Planaltina.....	23
3.8 Projeto editorial.....	24
3.8.1 Reportagem	24
3.8.2 Nome do projeto.....	27
3.8.3 Vinhetas, trilhas e chamadas.....	28
3.8.4 Arte gráfica.....	28
4. Resultados e perspectivas	29
5. Conclusão	30
6. Referências bibliográficas	32
7. Anexos	35

1. Apresentação

O rádio capta o momento, a informação em tempo real, mas o veículo também presta muito bem à produção de séries que, em diversos capítulos aprofundam a discussão sobre determinado tema (TAVARES, 2011). Na tentativa de aprofundar e apresentar como é garantida e ofertada educação para alunos especiais, que necessitam de um ensino diferenciado no Distrito Federal, produziu-se a série de rádio *Aprender diferente é normal*. As bases teóricas, apuração, redação e edição desse produto são apresentadas neste memorial de pesquisa.

Aprender diferente é normal faz referência à educação dos alunos que têm necessidades específicas¹. No Distrito Federal, educação especial faz menção tanto aos alunos com altas habilidades, quanto aos estudantes com deficiência e transtorno global do desenvolvimento (TGD). As reportagens abordam apenas o segundo grupo, que compreende estudantes com deficiência intelectual, auditiva, visual, física, deficiência múltipla e surdocegueira.

A educação especial totaliza 11 mil alunos², destes 5.732 alunos estão matriculados em instituição especializada no ensino especial do Distrito Federal, 2.065 nas turmas especiais e 1.462 na educação precoce, de acordo com o Censo Escolar 2012 (utilizou-se na realização da série dados do Censo Escolar 2012, pois ainda não tinham sido disponibilizadas informações mais atuais).

Embora os números não sejam tão expressivos se comparado com o total de alunos da rede pública do DF, mais de 486 mil alunos. Tais cidadãos têm direitos garantidos. A educação gratuita a alunos especiais é um direito previsto na Constituição Federal de 1988, nos artigos 205³ e 208⁴, Seção I do Capítulo III. *Aprender diferente é normal* se propôs a apresentar como esse direito tem sido garantido, pois se acredita que a comunicação pode contribuir para desenvolvimento social ainda maior como é exposto na obra *Um mundo e muitas vozes*.

¹ Neste trabalho tais necessidades são referentes às necessidades educacionais específicas e também necessidades específicas no âmbito da vida social.

² Número divulgado pelo site do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

³ ¹ Art. 205: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

⁴ Art. 208: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

“Se aceitarmos que a comunicação desempenha papel essencial para a mobilização e cooperação do público, com vistas a respaldar o desenvolvimento da sociedade, a missão dos profissionais da comunicação deve constituir não só reportagens objetivas sobre as notícias “brutas”, mas também comentários que ofereçam análise e ensinamentos” (Um mundo e muitas vozes, 1983, p.262).

No Distrito Federal, uma das formas de atender a esses direitos é por meio dos 13 Centros de Ensino Especial, localizados no Plano Piloto/ Cruzeiro, Brazlândia, Ceilândia, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Sobradinho, Taguatinga, Samambaia, Paranoá, Santa Maria, São Sebastião e Recanto das Emas. E foi em um desses centros de ensino - Centro de Ensino Especial de Planaltina -, que apurou-se um fragmento do ensino especial.

Além dos centros de ensino especial, alunos também podem ser matriculados em escolas inclusivas nas classes de ensino regular ou especial e em salas de recurso (que complementam o ensino na classe regular, levando em consideração o tipo de deficiência do estudante). Nas turmas comuns foram matriculados 9.430 alunos com necessidade educacional especial, segundo o Censo Escolar 2012.

Para apurar a organização e estrutura da educação especial foram realizadas visitas e entrevistas na Escola Classe 410, Asa Sul, Brasília, e no Centro de Ensino Especial de Planaltina, Distrito Federal. O recorte se faz necessário devido ao cronograma e viabilidade para que seja concluído o trabalho. Além de possibilitar comparação entre o ensino nas escolas inclusivas e nos centros de ensino especial, assim pode ser observado a inclusão social e educacional dos alunos em dois ambientes de ensino diferentes.

Ainda de acordo com o último Censo, atuam na área do ensino especial 2.413 professores. Por isso, foi necessário abordar na reportagem a formação e condições de trabalho que esses profissionais têm para ministrar aulas de qualidade aos alunos com necessidades específicas.

Nessas instituições, além de conversar com alunos e professores, foram entrevistados diretores, coordenadores pedagógicos e pais de alunos. Entrevistas também foram realizadas com especialistas em educação especial na área da pedagogia e psicologia e representante do Governo do Distrito Federal.

Antes de iniciar visitas nas instituições de ensino, veículos de comunicação deram destaque para o projeto de lei (103/2012), que tramita no Congresso Nacional sobre o Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE define metas e diretrizes para a educação no Brasil até 2020. Durante a tramitação no Senado Federal, o senador José Pimentel (PT-

CE), apresentou a emenda (referente à meta 4 do PNE), que retira o financiamento nacional destinado para escolas especializadas na educação especial, por exemplo, as Apaes (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) ficariam sem recursos.

Devido a essa discussão e mobilizações sociais, foram realizadas entrevistas com alunos e representante da Apae- DF, representante do Fórum Nacional de Educação Inclusiva, senadores e deputados federais. A abordagem dessa discussão social e política na série *Aprender diferente é normal* se faz necessária devido aos valores-notícia de atualidade, proximidade e interesse público.

1.2 Justificativa

“Para que os indivíduos possam desempenhar papel de cidadãos responsáveis, nos planos local, nacional e internacional, é preciso que estejam adequadamente informados e que conheçam fatos suficientes para poder tomar decisões fundamentalmente racionais e escolher uma linha de conduta” (Um mundo e muitas vozes, 1983, p.260).

A produção da série *Aprender diferente é normal* justifica-se por apresentar o cenário da educação inclusiva e do ensino especial, oferecendo ao público - nesse caso aos ouvintes, por se tratar de radiojornalismo - informações que ajudam nas escolhas de diferentes questões, por exemplo, escolher entre uma escola regular ou específica para aluno com necessidades especiais, optar por lecionar para estudantes especiais, optar de forma favorável ou não sobre o projeto de lei, que discute o Plano Nacional de Educação.

Além da importância da informação para o papel social do cidadão, como mencionado no relatório *Um mundo e muitas vozes*. O interesse pessoal por coberturas jornalísticas sobre educação e a experiência em disciplinas como Comunicação Comunitária e Campus Impresso também contribuíram para a escolha do tema.

No jornal laboratório *Campus* tive a oportunidade de apurar pauta sobre o ensino para alunos com altas habilidades, na rede de ensino pública do Distrito Federal. Durante a veiculação, percebi que poucas pessoas conheciam a educação para alunos com altas habilidades, a maioria do público conhecia de forma superficial ou tinham curiosidade pela educação inclusiva.

Na ocasião não foi possível escrever sobre a inclusão nas escolas, mas a ideia foi amadurecida para o trabalho de conclusão de curso, pois estava diante de uma realidade, que colocava um problema relevante e como citado por Bonin (2006) era uma realidade que suscitava compreensão e desvendamentos de fundamentos.

O interesse por compreender melhor, apresentar o assunto para outras pessoas e a relevância social do tema despertou o interesse por escrever sobre o ensino voltado para alunos com necessidades específicas, por meio do jornalismo.

“O jornalismo é tão árduo quanto fascinante, e o seu exercício traz, em doses equivalentes, objetividade e subjetividade. Se há uma história a ser contada, cabe ao jornalista ouvir versões diferentes, colher depoimentos conflitantes, analisar dados e relatar fatos. Com avanços e recuos, tenta encaixar as peças do quebra-cabeça. Sua missão é a busca do conhecimento” (TAVARES, 2011, p. 9).

Assim, a série *Aprender diferente é normal* tentou juntar peças do quebra-cabeça referentes à educação, política, cidadania, garantia de direitos, comunicação, vida acadêmica, dificuldades e possíveis avanços na educação especial na rede pública do Distrito Federal. É importante ressaltar que este projeto não pretende explicar as síndromes, transtornos e deficiências. O foco principal é o sujeito e suas relações sociais, familiares e educacionais.

Por fim, a última razão para escolher trabalhar com ensino especial foi a produção do artigo *Comunicação e Cidadania: o olhar dos formandos em Comunicação/UnB entre os anos 2001 e 2011*, escrito em grupo e apresentado na Conferência Mídia Cidadã, no ano de 2012. A pesquisa para elaboração do artigo apontou que educação é um tema destacado nos trabalhos finais de curso na Faculdade de Comunicação da UnB. De um total de 654 trabalhos de conclusão de curso analisados, 48% abordavam questões sobre direitos. Nesse contexto, direito à educação representava 8% (*ver tabela 1*).

O artigo demonstrou que projetos finais da Faculdade de Comunicação poderiam integrar pesquisa sobre um tema e produto jornalístico. Propósito que eu desejava realizar no trabalho de conclusão de curso. “Definição do objeto de pesquisa, a observação, a descrição e a interpretação” (LOPES, 2001).

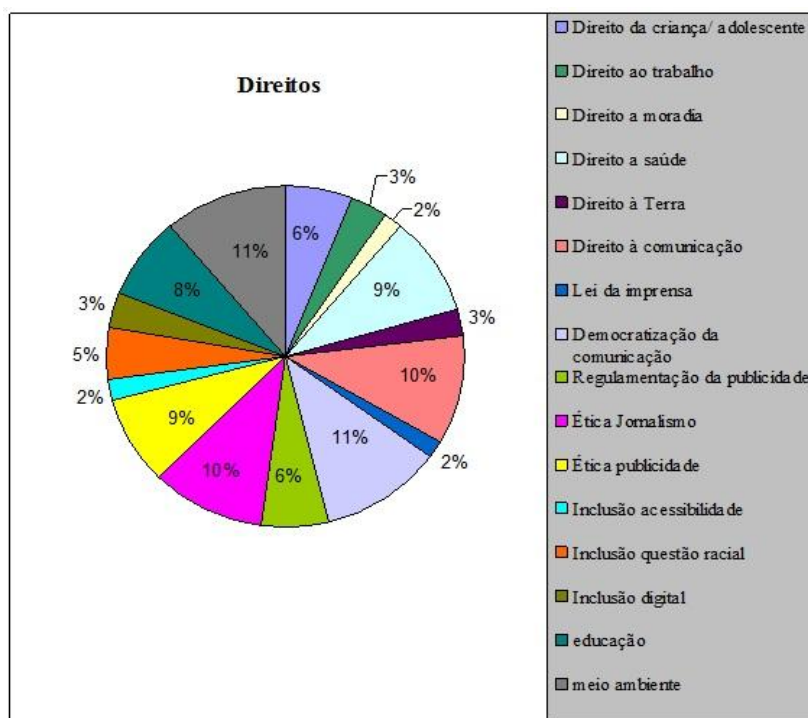


Tabela 1 – Tabela resultado da pesquisa para elaboração do artigo *Comunicação e Cidadania: o olhar dos formandos em Comunicação/UnB entre os anos 2001 e 2011*.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo principal deste trabalho é a produção de uma série de rádio com cinco reportagens sobre o ensino oferecido na rede pública do Distrito Federal aos alunos com necessidades específicas. As reportagens apresentam o funcionamento da Escola Classe 410 e do Centro de Ensino Especial de Planaltina, uma tentativa de explicar como é organizado o ensino especial e a educação inclusiva no DF, (que compõe a educação especial), por meio de análises, observações e argumentos de diferentes fontes.

1.3.2 Objetivos Específicos

A série *Aprender diferente é normal* tem como objetivos específicos apresentar a rotina escolar e socialização dos estudantes com síndromes, transtornos e dificuldades de aprendizagem, que estudam na rede pública do DF. Paralelamente, tem como objetivo abordar a formação e condições de trabalho dos professores e demais profissionais nessa área da educação.

Ainda tem como objetivo dedicar espaço para vida familiar dos alunos especiais e discussão ocorrida no Congresso Nacional sobre o Plano Nacional de Educação, que define metas para o ensino especializado.

Para que o objetivo geral e os objetivos específicos fossem atendidos satisfatoriamente, foi necessário ficar atenta aos detalhes como mencionado pelo autor Luiz Pereira Júnior.

“Isso implica colocar as pessoas no centro do noticiário, aprimorar o estilo e aprofundar a apuração, ter apego a detalhes de cenas, gestos e comportamentos, além de conseguir extrair de cada personagem ou fenômeno o sumo que interessa a história que relatamos” (JÚNIOR, 2006, p.100).

Dessa forma, durante as visitas e entrevistas, foi preciso ter mais atenção e não apenas entrevistar as fontes de forma mecânica e repetitiva, a fim apenas de concluir um projeto final.

2. Referencial teórico

2.1 Inclusão Escolar – breve histórico

O contexto trazido por BLANCO (2007) ajuda a entender a ideia básica de inclusão social e de como a escola pode colaborar para inclusão de pessoas com necessidades físicas e intelectuais.

“A inclusão social apresenta-se como um movimento internacional que prevê a adoção de atitudes comportamentais no sentido de promover a convivência entre todos os integrantes de uma sociedade nos mais diversos ambientes públicos e privados. Entende-se que o primeiro passo para se formar esta sociedade é iniciar o processo nas escolas – as Escolas Inclusivas - onde a educação de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais está inserida dentro do sistema regular de ensino, atendendo aos preceitos estabelecidos pela Convenção de Salamanca⁵” (BLANCO, 2007, p. 22).

A história da inclusão e educação passou por quatro etapas no Brasil como é apontado por Blanco (2007). Na época do Império a inclusão sofria influências europeias e os deficientes físicos e intelectuais eram segregados em lugares específicos. Nos anos 50 do século XX, pessoas com necessidades específicas participavam de atividades nos centros de ensino especial para depois interagir na comunidade (nesse cenário aparecem os centros de ensino especial, presentes até hoje no Distrito Federal), surgiram também classes para crianças especiais. Na década de 1970, entendeu-se que pessoas com necessidades especiais deveriam ser integradas e estudar em ambientes o menos restrito possível, porém alunos deveriam adaptar-se. A última fase começa na metade dos anos 80 e permanece atualmente, com a ideia de garantir direitos iguais e incluir na sociedade pessoas com deficiência. É como se as fases fossem representadas por quatro termos citado por Ribeiro (2006): exclusão, segregação, integração e inclusão.

A inclusão escolar no Brasil começou tarde se comparada com outros países. A Itália e Estados Unidos começaram a inclusão escolar nos anos 70.

⁵ Em 1994, na cidade de Salamanca, Espanha reuniram-se representantes de 88 países incluindo o Brasil e 25 instituições organizacionais os quais reafirmaram seu compromisso para com a Educação para Todos, estabelecendo preceitos de inclusão estabelecidos na “Declaração de Salamanca”, principal documento produzido no encontro. Entre outras ações estratégicas, a providência da educação para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino. Entendeu-se, então, que este seria um passo fundamental no sentido de modificar atitudes discriminatórias e construir uma sociedade inclusiva.

2.1.1 Inclusão Escolar - na prática

“Em uma Escola Inclusiva, todas as crianças que apresentam dificuldades para aprender - temporárias ou definitivas, estudam juntas àquelas que não apresentam qualquer problema para tal. Essas dificuldades devem ser reconhecidas e atendidas procurando-se acomodar seus ritmos de desenvolvimento e assegurando-se um currículo apropriado, recursos humanos e técnicos qualificados e um espaço físico tal que propicie a pela realização das atividades para qual foi concebido” (BLANCO, 2007, p. 31).

A Escola Classe 410, visitada na produção desse projeto final, tem características que se enquadram ao conceito citado. Nessa escola alunos interagem independente de ter deficiência física ou intelectual. Alunos especiais estudam em classes regulares, salas de reforço (oferece suporte e complementa o ensino da classe regular. Os alunos deficientes visuais, por exemplo, aprendem braile e tem atividades transcritas) e turma especial (formada apenas por alunos com necessidades específicas). A diferença de uma escola inclusiva é um centro de ensino especial, é que no segundo todos os alunos tem algum comprometimento ou deficiência.

2.2 Legislação

O direito à educação para alunos especiais é garantido na Constituição Federal. Em 2003, o Distrito Federal passou a ter a lei distrital de número 3.218, que também visa à garantia desse direito. A lei faz menção ao atendimento dos alunos especiais, respeitando necessidades e diferenças na educação inclusiva. Como também faz referência ao encaminhamento dos estudantes para o ensino especial, se tal atitude contribuir para a melhoria do bem estar do aluno (BORGES, 2008).

Além da legislação nacional e distrital, outros documentos contribuíram para melhorias na educação especial.

“A Declaração de Salamanca, assinada em 1994, nesta cidade espanhola pode ser considerada um marco no processo educacional como um todo, já que foi o documento que oficializou o temo inclusão no campo da educação.

A inspiração para o encontro em Salamanca foi reafirmar o direito de todas pessoas à educação, conforme já preconizava a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, e ainda ratificar o empenho da comunidade internacional em cumprir o estabelecido na Conferência Mundial de Educação para Todos em 1990. Nesta conferência, as Nações Unidas, representadas pela UNESCO, garantiam a democratização da educação, independentemente das diferenças particulares dos alunos” (RIBEIRO, 2006, p. 17-18).

A elaboração desses documentos, assim como reuniões, encontros e toda ocasião onde é possível debater ações para desenvolver melhor a prática desses direitos são válidas. Não basta garantir, é preciso também promover meios para que a ação ocorra.

“Trata-se, portanto, não apenas de enunciar direitos nos textos constitucionais, mas também de prever os mecanismos para a viabilização das suas condições de satisfação. Nesse campo o Estado passa a ser um agente promotor das garantias e direitos sociais”. (DORNELLES, 2007, p.31).

2.3 Contar por meio da Reportagem

Matéria jornalística mais longa, com conteúdo que devem ser investigados e pesquisados e tem como objetivo traduzir fenômenos que preocupam, escandalizam ou enobrecem a sociedade (GUIRADO, 2004). Essas eram características próximas ao que se desejava executar na série *Aprender diferente é normal*, por isso decidiu-se abordar a educação inclusiva e o ensino especial por meio da reportagem.

“É da natureza da reportagem revelar a origem e o desenrolar da questão que ela retrata. Assim, de alguma forma, a reportagem responde, ou busca responder - em tese - aos interesses sociais” (GUIRADO, 2004, p. 22).

Não se trata de escrever perfil de personagens, nem transmitir uma informação com a rapidez como notícias instantâneas. O interessante é apresentar de uma forma mais aprofundada um fragmento da realidade vivida pelos alunos com necessidades específicas e das pessoas que fazem parte da vida deles.

2.4 Educação especial na mídia

Tornou-se necessário realizar uma pesquisa nos veículos de comunicação para observar como a mídia cobriu as mobilizações contrárias e a discussão no Congresso sobre a meta 4 do Plano Nacional de Educação.

Entre os meses de agosto e setembro de 2013, foram divulgadas reportagens nos portais da *Câmara dos Deputados*, *Senado Federal*, *Correio Braziliense*. Na televisão, as emissoras *Globo* e *SBT* também fizeram cobertura. No rádio o assunto foi apresentado na *Rádio Câmara* no programa *Feijoada Completa* e na rádio *CBN*.

Essa breve análise de cobertura foi importante para acompanhar os desdobramentos do tema, e em segundo lugar para observar como a mídia estava abordando a notícia, para não repetir no projeto final o que já tinha sido produzido.

De maneira geral, os veículos apresentaram argumentos favoráveis à mudança, também ouviram pessoas contrárias a proposta e falaram das mobilizações. Para exemplificar as pessoas afetadas, caso a emenda fosse aprovada, citavam as Apaes.

Na série *Aprender diferente é normal* a reportagem, que aborda o Plano Nacional de Educação, foi desenvolvida no âmbito da discussão do PNE, das polêmicas originadas dessa discussão e de possíveis consequências, caso a emenda do senador Pimentel fosse aprovada.

Outras fontes pesquisadas foram o site da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, a fim de saber quais dados e programas são desenvolvidos na área, sites do Ministério da Educação e do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

3. Metodologia

“A definição de uma metodologia de pesquisa leva implícita importantes decisões a respeito de caminhos a serem percorridos e outros deixados de lado, sendo, portanto, que estas estarão condicionando não só a construção do objetivo empírico e os resultados de uma pesquisa, como também o percurso e as vivências do pesquisador, espaço e momento de oportunidade para o crescimento ou limitador da construção do conhecimento” (DUTRA, 2002, p. 217).

A elaboração da série *Aprender diferente é normal* vai de encontro com o texto da autora Délia Dutra (2012). Durante a produção, alguns aspectos foram deixados e outros incluídos nas reportagens como a discussão no Congresso Nacional sobre a meta 4 do Plano Nacional de Educação. Fontes escolhidas inicialmente foram substituídas por outras com domínio maior do tema.

E é importante mencionar que escolher o caminho, o método a ser utilizado na produção foi uma forma de construção do conhecimento para o pesquisador, que nesse trabalho tinha papel de repórter e realizava entrevistas, que segundo Luiz Pereira Júnior também é um instrumento de pesquisa. “A entrevista é, enfim, um instrumento de pesquisa com processo de produção próprio, dos preparativos à edição” (JÚNIOR, 2010).

3.1 Produto

O produto resultado deste projeto final é a série de rádio *Aprender diferente é normal*, que trata da educação inclusiva e do ensino especial para crianças, jovens e adultos, estudantes da rede pública do DF. Embora o trabalho tenha sido realizado com alunos especiais, não existe intenção de segmentar o público. A intenção é informar a sociedade interessada em temas relacionados com educação. Dessa forma, é possível contar histórias, rotinas e realidade dos estudantes com necessidades específicas. *Aprender diferente é normal* pode informar melhor sobre a educação especial, e contribuir para que preconceitos a cerca do tema sejam sanados.

3.2 Ideia inicial

Na elaboração do projeto a ideia inicial era realizar uma longa reportagem apresentando e diferenciando educação inclusiva e ensino especial, porém durante as pesquisas e reuniões com a orientadora constatou-se que o tema era muito amplo e precisava ser melhor dividido em cinco reportagens menores, formando uma série.

Inicialmente, o desejo era mostrar como a educação para alunos especiais era organizada. Além de reservar lugar para opinião dos pais dos alunos e professores (formação e condições de trabalho). No entanto, foi necessário incluir novos aspectos no projeto.

Nos meses de julho, agosto e setembro as principais mídias veicularam as mobilizações, organizadas pelas Apaes, para evitar o fim do financiamento do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) para escolas especializadas em educação especial, discutido na Câmara dos Deputados e Senado Federal. Os fatores atualidade, proximidade (pois estava sendo discutido em Brasília, no Congresso) e interesse público fizeram pesquisar e falar da emenda parlamentar, referente à meta 4 do Plano Nacional de Educação. Definido as abordagens, outras etapas de produção foram desenvolvidas.

3.3 Rádio

Na Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília o graduando tem a oportunidade de exercer o jornalismo em veículo impresso, *online*, televisão e no rádio. Para produzir o trabalho de conclusão de curso optou-se pela linguagem radiofônica, pois é um veículo que pode utilizar diversos elementos como a voz e expressão dos entrevistados, som ambiente, músicas e até o silêncio durante a entrevista.

“Quando você fala no rádio, você não está falando para as massas, por meio de um gigantesco sistema de transmissão de mensagens. Você está falando para *uma* pessoa, como se estivesse conversando com ela, bebendo junto uma xícara de café ou um copo de cerveja.

O rádio permite, também, que se ouça toda emoção da voz humana, da gargalhada ao choro, da dor à compaixão. Esses sons podem transmitir sensações mais fortes do que a leitura de um texto sobre o mesmo acontecimento” (CHANTLER; HARRIS, 1998, p.21).

O rádio também é um aparelho acessível. Para escutá-lo não é preciso “baixar” nenhum programa, nem comprar um produto mais avançado, lançado no mercado. Assim, a reportagem poderá alcançar um número maior de pessoas, independente da questão financeira ou grau de instrução. O interesse pessoal em trabalhar no jornalismo para rádio e o estágio na rádio CBN também foram levados em consideração.

Ter escolhido produzir um trabalho veiculação no rádio ajudou bastante nas entrevistas, pois era prático gravar e os entrevistados ficavam à vontade. Acredito que a gravação de imagens os deixariam constrangidos.

Uma experiência positiva com radiojornalismo foi na disciplina Comunicação Comunitária, onde durante três semestres participei da rádio Utopia. Oportunidade onde produzi e apresentei (individualmente e em grupo) programas culturais e informativos como o quadro denominado *Microfone Aberto*, programa quinzenal sobre a opinião da comunidade sobre algum tema da região.

3.4 Entrevistas

Logo após a fase de leituras e pesquisa, deu início as entrevistas com especialistas em educação inclusiva e ensino especial. Conversei com professores e pesquisadoras da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília.

Nessas entrevistas, teve contado com três professoras da rede pública, que lecionavam para alunos com necessidades específicas. Essas conversas foram importantes para que diferenciasse bem que a educação inclusiva e ensino especial. A primeira inclui alunos especiais às turmas regulares, já o segundo é voltado apenas para alunos com deficiência intelectual e física, que comprometem o aprendizado.

As professoras também alertaram para a questão da sensibilidade. A sensibilidade que um professor precisa ter para desenvolver um bom trabalho. Percebi que precisaria ser sensível e cuidadosa ao realizar entrevistas. Não seria apenas chegar à escola, conversar meia hora, gravar entrevistas e ir embora. Eu teria que conversar, observar e tentar vivenciar como é a socialização e ensino nessas instituições.

“Entrevistar é, antes de tudo construir as condições para seu interlocutor comece a dizer coisas que hesitaria dizer de bate-pronto a qualquer um. E raramente os encontros entre repórter e entrevistados dispõem de muito mais tempo que um bate-pronto” (JÚNIOR, 2006, p.100).

As entrevistas com psicólogas da rede pública, da Universidade de Brasília e da Apae ajudaram a entender que o ensino era adaptado porque alunos tinham necessidades educacionais e sociais específicas, e precisavam de adaptações para aprender com mais qualidade. As mudanças não eram uma questão de solidariedade, mas um direito que deveria ser garantido.

Após entrevistar especialistas, obtive informações básicas para compreender a educação inclusiva e especial, poderia começar as visitas nas escolas, pois teria que conhecer a realidade para escrever. “Isto é, se você quiser escrever sobre a sociedade, terá de conhecê-la em primeira mão, e, em particular, terá de saber sobre os lugares acerca dos quais pessoas respeitáveis tem pouca experiência” (BECKER, 2007).

No entanto, antes das visitas foi necessário apurar sobre o PNE. Por isso, iniciei entrevistas com deputados e senadores. A maioria dos parlamentares não quis gravar entrevistas, pois o projeto de lei ainda estava em tramitação, entre eles o senador José Pimentel (PT- CE), autor da emenda que sugeria o corte de financiamento para escolas especializadas. Ao conversar com os parlamentares percebi que o PNE, ainda, seria discutido por algum tempo e que não seria votado antes da conclusão do projeto final.

O debate sobre o Plano exigiu monitoramento sobre uma possível aprovação do PNE. Quando entrevistei parlamentares, havia conversado com algumas professoras da rede pública, fato que colaborou, pois já tinha ideia de problemas reais da educação inclusiva e ensino especial. Nessa etapa, também entrevistei representante do Fórum Nacional de Educação Inclusiva, que é favorável à emenda do senador José Pimentel (PT-CE).

As fontes foram obtidas por meio da assessoria de imprensa da Universidade de Brasília e por meio de pesquisas na internet. Também foi necessário fazer contato com assessorias: parlamentares, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e da Secretaria de Educação do GDF.

3.5 Escolha das instituições de ensino

Na série *Aprender diferente é normal* também foi preciso fazer um recorte, selecionar uma parcela representativa da educação inclusiva e do ensino especial. Para realizar entrevistas foram escolhidas, especificadamente, pessoas ligadas a Escola Classe 410 (Brasília) e ao Centro de Ensino Especial 01 (Planaltina), visitei durante uma semana cada uma dessas instituições. Não se espera que este trabalho de conclusão de curso esgote o tema, mas a reportagem superficial deve ser evitada. Risco que poderia ocorrer caso escolhesse um número maior de escolas.

“Nenhuma reportagem, por mais completa que seja, é capaz de esgotar um assunto. O mesmo se aplica a uma série, ainda que tenha cinco ou até dez capítulos. Por isso

o mais importante é delimitar o campo de trabalho dentro do tema escolhido” (TAVARES, 2011).

A primeira escola foi selecionada porque têm alunos especiais e outros que não necessitam de um ensino diferenciado. Dessa forma, seria possível pode-se verificar a socialização e inclusão das crianças e jovens especiais com os demais alunos, professores e funcionários. Sem abandonar o aspecto educacional e o currículo escolar. Soube que a escola tinha esse perfil, devido atividades acadêmicas desenvolvidas pela minha irmã, na área de psicologia.

A escolha do Centro de Ensino de Planaltina foi influenciada pelo fato da graduanda residir nessa região administrativa. O que despertou interesse de como o ensino especial era desenvolvido nesta localidade. Outra questão relevante, que influenciou é o fato do Centro de Ensino Especial de Planaltina (CEE), diferente da Escola Classe 410, ser voltado totalmente para alunos com necessidades especiais, fato que propiciou à apuração sobre a formação dos professores, estrutura física da escola, investimentos que o governo destina para esta área, dificuldades enfrentadas pelos pais, gestores e estudantes, bem como resultados e avanços que são obtidos com os alunos especiais. Lembrando que esses aspectos também foram observados na escola citada anteriormente, Escola Classe 410, Asa Sul.

3.6 Escola Classe 410, Brasília

Entre os dias 16 e 20 de setembro visitei e realizei entrevista na Escola Classe da 410, Asa Sul, Brasília. Para realizar entrevistas foi necessária uma autorização assinada pela orientadora, Faculdade de Comunicação, orientanda e pela Gerencia de Educação Básica do DF.

Levei as solicitações em três vias na Gerencia de Educação Básica localizada na Asa Sul, Brasília. Consegui a autorização no mesmo dia que levei os documentos. Em seguida, passei a semana na escola, observando e entrevistando professores, alunos, pais de alunos da Escola Classe 410 Sul.

A escola tem três tipos de classes: especial (formada apenas por alunos com necessidades específicas), sala de recurso (complementa o ensino realizado nas classes regulares. Existem duas salas uma de deficiência visual, outra com deficiência intelectual) e classe regular (onde estudam alunos com necessidades específicas e alunos que não

precisam de ensino adaptado estudam). Conversei com professoras dessas três classes e com mães, que têm filhos nessas turmas também. Tive a oportunidade de entrevistar professora com experiência na escola inclusiva e no Centro de Ensino Especial.

Entrevistei mães e avó de alunos. Algumas criticaram a forma de ensino, outras falaram dos avanços dos alunos.

Os estudantes também foram ouvidos, mas antes explicava o projeto aos pais ou responsáveis, que autorizaram entrevistas. Conversei com alunos especiais como Mirela Pereira, 11 anos, deficiente visual, que estuda no 5º ano em classe regular e faz atividade da sala de recurso, no período contrário as aulas. Entrevistei também alunos que não tem nenhuma deficiência, mas falaram da experiência de estudar com alunos especiais.

Na semana que visitei, a escola estava com programação diferente para comemorar a luta pelo direito dos deficientes. Um das atrações foi a palestra do atleta Adalto Belli, vencedor de provas de atletismo pelo Brasil e deficiente visual. Também entrevistei a psicóloga itinerante do GDF, que mencionou o apoio prestado para o aluno e para família, em alguns casos.

3.7 Centro de Ensino Especial de Planaltina

Entre os dias 23 e 27 de setembro estive no Centro de Ensino Especial de Planaltina. Visitei e entrevistei professores, coordenadores, mães e alunos do Centro de Ensino.

No Centro de Ensino vigora o currículo funcional, este tem como objetivo desenvolver aspectos pedagógicos e sociais, fatores que deixam os alunos cada vez mais independentes. Durante a visita, entendi que turmas são divididas por idade e deficiência, e fui informada que na escola funcionam oficinas de artesanato, teatro, culinária, horta, orientação para o mercado de trabalho. Além da educação precoce (para alunos de zero até 3 anos e 11 meses. São crianças prematuras ou que tem alguma deficiência, e por isso já iniciam atividades de ensino para se desenvolverem melhor) e ensino complementar, voltado para alunos especiais, que estão no ensino regular e precisam de reforço.

Diferente da Escola Classe 410 fui autorizada a assistir aulas dentro da sala. Conversei com professores que lecionam para aluno com deficiência intelectual, deficiências múltiplas, autismo, síndromes, professores de educação física e professores que orientam para o mercado de trabalho.

Entrevistei alunos e familiares, que esperam os alunos na escola, enquanto ocorrem as aulas. Com essas entrevistas tive acesso a questões e desafios familiares, lado emocional e não apenas técnico e objetivo.

Tanto na escola inclusiva, quanto no centro de ensino saber ouvir as fontes, principalmente as mães, foi algo fundamental como expõe Thais Oyama (2008). Se interessar pela informação que o entrevistado estava falando, criou uma relação aonde repórter e a fonte conversavam e não apenas faziam perguntas e respostas.

“O bom entrevistador é aquele que, antes de tudo, sabe ouvir. E saber ouvir implica, antes de tudo, ser curioso. Quando um repórter tem genuína curiosidade sobre o entrevistado ou sobre o assunto do qual ele trata, isso fica evidente na maneira como ele se comporta, reage, fala - e isso estimula o entrevistado a expor-se cada vez mais”. (OYAMA, 2008, p. 28).

3.8 Projeto editorial

Após a realização das entrevistas, iniciou a etapa de editar sonoras e escrever roteiros, lembrando que o texto deveria “conversar” com as sonoras dos entrevistados. Além disso, comecei a escolher trilhas, gravar *off* e elaborar o memorial do projeto.

A ideia de produzir uma série, mencionada pela orientadora, foi reafirmada depois das entrevistas e visitas as escolas, pois percebi que não era apenas explicar como ocorre a educação inclusiva e ensino especial, o tema envolvia questões familiares, pedagógicas, sociais, políticas e afetivas. Fatores levados em consideração para a produção de cada reportagem.

3.8.1 Reportagens

Os subtemas foram divididos em cinco reportagens: *Ter ou não ter escolas especiais? Como funciona um Centro de Ensino Especial? Como funciona uma escola inclusiva? Por que alunos especiais precisam de um ensino diferente?* e *Como é a vida de uma família com aluno especial?*

- *Ter ou não ter escolas especiais?*

A primeira reportagem da série apresenta o fato mais atual da série o projeto de lei que discute o Plano Nacional de Educação, que poderia retirar o financiamento para escolas especializadas. O roteiro foi o mais difícil de escrever, tive que explicar o PNE,

dados da educação, opinião de especialistas, professores e parlamentares. No início, parecia tudo muito técnico e a reportagem precisava ser interessante, desperta curiosidade para que o ouvinte acompanhasse as outras reportagens. Os principais recursos utilizados para tornar a reportagem menos técnica foram trilhas sonoras e linguagem simples, traduzir o debate sobre a meta 4 do PNE.

Outra preocupação era não transformar a série em duelo: pessoas contra e a favor a matrícula de alunos especiais no ensino regular. Para evitar esse contexto a opinião de pesquisadores, psicopedagogos e professores foram fundamentais. A opinião de mães e de alunos foi uma forma de escutar as pessoas que mais seriam afetadas com a decisão.

- *Como funciona um Centro de Ensino Especial?*

A segunda reportagem é mais específica, descreve a rotina do Centro de Ensino Especial de Planaltina. Explica turmas, oficinas, modalidade e currículo escolar. Aborda questões da acessibilidade e estrutura física. Atividades desenvolvidas, avanços e opinião dos alunos sobre as aulas também foram apresentadas. A reportagem, ainda, explica como os professores desenvolvem tarefas com estudantes e opinião das mães e avós sobre o Centro de Ensino.

- *Como funciona uma escola inclusiva?*

A terceira reportagem também fala da rotina, porém de uma escola inclusiva e não de um centro de ensino especial. A reportagem é formada pela fala de professores, coordenadores, alunos e mães e avós. A principal diferença desse roteiro é a abordagem sobre socialização e inclusão dos alunos com necessidades específicas, era preciso contar se alunos especiais são realmente incluídos no ensino regular.

- *Por que alunos especiais precisam de um ensino diferente?*

A quarta reportagem tem dois objetivos explicar por que é necessário adaptações no ensino dos alunos especiais, seja na educação inclusiva ou no ensino especial; e falar de como a formação do professor pode colaborar para o melhor aprendizado do aluno com necessidades específicas. Também são apresentadas das condições de trabalho da rede pública e a preferência dos pais em matricular os filhos na escola pública, apesar dos problemas. Por fim, um fato tinha que ser mencionado nessa reportagem, aspectos emocionais e afetivos criados entre professores e alunos.

- *Como é a vida de uma família com aluno especial?*

O último roteiro foi elaborado com base nos detalhes, na relação das mães e familiares. Durante as entrevistas, ao pergunta para as mães como elas viam o avanço dos filhos, as falas mudavam e começava a aparecer um misto de alegria, amor, cuidado. A reportagem foca nesse afeto, nas mudanças de vida motivadas pelos filhos com necessidades específicas, nas dificuldades que as famílias enfrentam. Trata também do preconceito que os filhos sofrem, de como o acompanhamento psicológico pode ajudar as famílias e a importância da família acompanhar a vida escolar do filho.

Durante a pesquisa, encontrou-se no blog do Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina um texto, que trata de forma literária dessa relação maternal.

“Bem Vindo à Holanda

Frequentemente, sou solicitada a descrever a experiência de dar à luz a uma criança com deficiência - Uma tentativa de ajudar pessoas que não têm com quem compartilhar essa experiência única a entendê-la e imaginar como é vivenciá-la. Seria como...

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias - para a ITÁLIA! Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu. O Davi de Michelângelo. As gôndolas em Veneza. Você pode até aprender algumas frases em italiano. É tudo muito excitante.

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia! Você arruma suas malas e embarca. Algumas horas depois você aterrissa. O comissário de bordo chega e diz:

- BEM VINDO À HOLANDA!

- Holanda!?! - Diz você. - O que quer dizer com Holanda!?!? Eu escolhi a Itália! Eu devia ter chegado à Itália. Toda a minha vida eu sonhei em conhecer a Itália!

Mas houve uma mudança de plano vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar. A coisa mais importante é que eles não te levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença. É apenas um lugar diferente.

Logo, você deve sair e comprar novos guias. Deve aprender uma nova linguagem. E você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes. É apenas um lugar diferente. É mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor, começar a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até *Rembrants* e *Van Goghs*.

Mas, todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália, estão sempre comentando sobre o tempo maravilhoso que passaram lá. E por toda sua vida você dirá: - Sim, era onde eu deveria estar. Era tudo o que eu havia planejado!.

E a dor que isso causa nunca, nunca irá embora. Porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

Porém, se você passar a sua vida toda remoendo o fato de não ter chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas e muito especiais sobre a Holanda.”
(KNISLEY, *Emily Perl*; 1987, publicado no blog⁶ Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina, acessado em julho de 2013).

⁶ Endereço do blog: <http://ceespecialplan.blogspot.com.br/>.

No blog do *Centro Especial de Planaltina*, necessidades especiais também são abordadas por meio da literatura, com a obra de Mário Quintana:

“Deficiências

Deficiente é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

Louco é quem não procura ser feliz com o que possui.

Cego é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só têm olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

Surdo é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

Mudo é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

Paralítico é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

Diabético é quem não consegue ser doce.

Anão é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

Miseráveis são todos que não conseguem falar com Deus.” (QUINTANA, Mario; publicado no blog⁷ Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina, acessado em julho de 2013).

3.8.2 Nome do projeto

A primeira proposta de nome foi definida no pré-projeto seria Educação inclusiva e ensino especial na rede pública do DF, mas para o roteiro de rádio não era adequado, o título era longo e pouco sonoro. A orientadora sugeriu pensar em um título mais sonoro, menos direto.

Surgiram algumas propostas como: Dentro da roda, Inclusive, Excepcional!, Aprender com a diversidade, mas nenhum desses agradou. Desde o início, a preocupação era deixar claro no título sobre do que tratava o projeto: educação e alunos com necessidades específicas. Continue pesquisando e tentando elaborar um nome adequado.

Durante a pesquisa, encontrei a campanha *Ser diferente é normal* desenvolvida para o Instituto MetaSocial, que desenvolve ações junto à mídia para promover a inclusão social. O nome remetia as pessoas com necessidades específicas, mas de forma positiva e direta. Baseada nessa ideia, formulei o título *Aprender diferente é normal*, assim a questão educacional também ficaria explícita.

⁷ Endereço do blog: <http://ceespecialplan.blogspot.com.br/>.

3.8.3 Vinhetas, trilhas e chamadas

Durante a realização da série *Aprender diferente é normal* tive a colaboração dos alunos de jornalismo da Universidade de Brasília Bruna Chaves, que gravou a vinheta, e Gustavo Garcia, voz masculina, que destacou e chamou atenção para as chamadas das reportagens.

A maioria das trilhas utilizadas foi do estúdio de rádio da Universidade de Brasília e fizeram uma diferença enorme na questão do ritmo de cada reportagem. “Há também a opção de, na hora da edição, lançar mão de recursos de sonoplastia (trechos de músicas, efeitos sonoros etc) que contribuam para enfatizar passagens e situações descritas” (TAVARES, 2011).

As utilizações das trilhas e do som ambiente ajudaram a ilustrar o texto e foram orientação da professora Nélia Del Bianco, que destacava que a música certa pode contribuir de modo significativo para o texto.

3.8.4 Arte gráfica

A arte gráfica foi desenvolvida pela aluna da Faculdade de Comunicação Ramilla Rodrigues. A proposta era envolver cores e materiais escolares. O título *Aprender diferente é normal* indicaria alunos especiais e a arte indicaria o universo infantil, jovem e escolar.

4. Resultados e perspectiva

O trabalho resultou na série de rádio *Aprender diferente é normal* com cinco reportagens: *Ter ou não ter escolas especiais? Como funciona um centro de ensino especial? Como funciona uma escola inclusiva? Por que alunos especiais precisam de um ensino diferente?* e *Como é a vida de uma família com aluno especial?* E um memorial sobre fases de pesquisa, apuração, edição, montagem e finalização das reportagens da série. A média de cada reportagem está entre 10 e 11 minutos, totalizando 54 minutos e 30 segundos.

Ao finalizar o projeto, observou que é possível realizar outras pautas em relação à educação especial.

“O que é produzido um dado momento não vem simplesmente acrescentar-se ao que já foi produzido anteriormente, mas cria condições novas que tornarão possível uma produção qualitativamente superior no futuro” (BRUYNE, 1977, p. 17).

Na própria educação inclusiva e no ensino especial muitos pontos ainda podem ser apurado, por exemplo, educação inclusiva na área rural, na rede particular, nas universidades e cursos técnicos. Apurar o mercado de trabalho e capacitação após a graduação para alunos com necessidades específicas.

Espera-se, ainda, que a série *Aprender diferente é normal* não seja um trabalho de conclusão de curso arquivado na Faculdade de Comunicação. Pretende-se divulgar o material na rádio comunitária Utopia, em rádios universitárias e rádios com interesse em produções jornalísticas sobre educação. Também será encaminhada cópia para *Rádio Câmara* e para instituições de ensino que participaram do projeto.

Existe o interesse de apresentar os resultados deste projeto em encontros, congressos e seminários sobre comunicação e jornalismo como Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) .

5. Conclusão

Vivenciar todas as etapas de produção de uma reportagem trouxe ganhos reais para a formação profissional. Na elaboração da série *Aprender diferente é normal* participei desde a pesquisa para elaboração de pré-pauta até a identidade gráfica do produto. Tive oportunidade de reunir etapas aprendidas durante o curso como apurar, escrever, editar e narrar.

Aperfeiçoei técnicas de apuração, escrita do texto radiofônico e no uso de efeitos sonoros e sons ambientes. Com o projeto final foi possível relacionar de fato a prática jornalística com teorias acadêmicas.

“A verdade é que um profissional graduado ou pós-graduado em comunicação pode, ao mesmo tempo, dominar as técnicas jornalísticas e radiofônicas e combiná-las ao conhecimento teórico do jornalismo e do lugar que ele ocupa na sociedade” (CHANTLER; HARRIS, 1998, p.28).

Também foi muito válida a experiência de passar alguns dias nas instituições de ensino. Não fazer um jornalismo que apenas “colhe” aspas e vai embora. Observei a rotina da escola, para depois abordar alunos, professores e mães. Ouvir mais os entrevistados, reparar detalhes, ter acesso a um fragmento da vida daquelas pessoas influenciou no resultado.

Em relação ao tema do projeto final, compreender o ensino de qualidade e adaptado para alunos com deficiência física e intelectual como direito foi um dos maiores ganhos. Durante a produção da série *Aprender diferente é normal*, conclui que iniciativas que garantem a inclusão e a adaptação do ensino para alunos especiais precisam ser divulgadas, não apenas como conquistas ou como problemas, mas para demonstrar que são possíveis, que ocorrem e que precisam de melhorias. Logicamente, devem-se destacar ações positivas e avanços, sem abandonar a ideia que o governo ao atender essa demanda da sociedade está cumprindo um dever.

Constatou-se também que a educação inclusiva e o ensino especial são bem estruturados no Distrito Federal. Existe uma estrutura básica, bons professores e um plano de ensino. Porém, ainda são necessárias escolas com estruturas físicas adaptadas, materiais didáticos que estimulem o aprendizado dos alunos especiais e mais psicólogos e monitores nessas instituições. Ficou evidente que o acompanhamento da vida escolar dos filhos com necessidades específicas resulta em grandes contribuições e desenvolvimento do aluno.

O interesse por trabalhar com pautas sobre educação aumentou, pois reúne assuntos relevantes e interessantes. Nas entrevistas, tantos professores, quanto alunos demonstraram satisfação em ter um espaço para falar, expor opiniões. Dessa forma, entendo que existe público interessado em falar e ser informado sobre pautas de educação e educação especial. Existem nessas áreas assuntos que podem ser apurados e divulgados. E principalmente, quanto mais a educação e a inclusão forem debatidas na sociedade, mais chances são criadas para incentivar e melhorar o desenvolvimento dessas áreas.

6. Referência Bibliográfica

- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Tradução Maria Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BLANCO, Mônica. *O conforto luminoso como fator inclusão escolar do portador de baixa visão nas escolas públicas regulares do Distrito Federal*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2007.
- BONIN, Jiani. *Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e processualidades de construção de um projeto*. In: MALDONADO, A. *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BORGES, Andréa. *Educação inclusiva no Distrito Federal: potencialidades e limites*, Universidade de Brasília, 2008.
- BRUYNE, Paul. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: F.Alves, 1991.
- CHANTLER, Paul; HARRIS, Slim. *Radiojornalismo*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- DORNELLES, João Ricardo. *O que são direitos humanos*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DUTRA, Délia. *Reflexões sobre a construção de um problema- e-objeto*. In: MALDONADO, A. *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- GUIRADA, Maria Cecília. *Reportagem: a arte da investigação*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- JORGE, Thais de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.

JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. *A apuração da notícia*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Vozes , 2010.

LAGE, Nilson. *A reportagem – Teorias e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística*. São Paulo: Record, 2002.

LOPES, Immacolata. *Problemáticas metodológicas na pratica da pesquisa em comunicação*. In: *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Eu não vim fazer um discurso*. Record, 2011.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1971.

MOURA, Dione; MACHADO, Liliane; FELIX, Rafaella; SOUZA, Kelsiane; REIS, Johnatan; ALZARIAS, Emily; ALMEIDA. *Comunicação e Cidadania: o olhar dos formandos em Comunicação/UnB entre os anos 2001 e 2011*, artigo apresentado na Conferência Mídia Cidadã, Universidade de Brasília, 2012.

PAVANI, Cecília; PARENTE, Cristiane; ORMANEZE, Fabiano. *Educomunicação, redes sociais e interatividade*. São Paulo: Leitura Crítica, 2013.

PROJETO DE LEI 103, do ano de 2012. Disponível em http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.shtm.

OYAMA, Thais. *A arte de entrevistar bem*. 1ª edição, São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Júlia Cristina. *Significações na escola inclusiva – Um estudo sobre as concepções e práticas de professores envolvidos com a inclusão escolar*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2006.

SOUZA, Betina. *A reportagem*. São Paulo: Novo Século Editora, 2011.

TAVARES, Mariza. *Manual de redação da CBN*. Rio de Janeiro: Globo, 2011.

UNESCO. *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*; tradução Eliane Zagury: Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1983.

7. Anexos

ROTEIRO: PRIMEIRA REPORTAGEM TER OU NÃO TER ESCOLAS ESPECIAIS?

TEC: ENTRA VINHETA

CHAMADA: NA PRIMEIRA REPORTAGEM DA SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL SAIBA COMO É PROPOSTA QUE ALTERA A META QUATRO DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. O PLANO PREVÊ CORTE DE FINANCIAMENTO PÚBLICO PARA ESCOLAS ESPECIALIZADAS E A MATRÍCULA DE TODOS OS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES. ENTENDA AGORA COMO O TEMA TEM SIDO DISCUTIDO NO CONGRESSO E COMO MOBILIZOU A SOCIEDADE.

TEC: ENTRA MÚSICA

SONORA 1: SONORA DA RAIMUNDA NONATO

DI: PELA PARTE DA MANHÃ EU VOU PARA O ATLETISMO...

DF: E EU TENHO AULA PELA PARTE DA TARDE AQUI.

LOC: A ROTINA DE RAIMUNDA NONATO DA SILVA DE 34 ANOS PODE MUDAR, CASO O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SEJA ALTERADO NO CONGRESSO NACIONAL. RAIMUNDA TEM LESÃO NO CRÂNIO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM. HÁ 9 ANOS, RAIMUNDA FREQUENTA UMA UNIDADES DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS, A APAE, LOCALIZADA NA ASA NORTE, DISTRITO FEDERAL.

SONORA 2: SONORA DE RAIMUNDA FALANDO QUE GOSTA DE IR PARA A APAE.

TEC: ENTRA MÚSICA

LOC: A ESCOLA DE RAIMUNDA PODE FICAR SEM DINHEIRO SE O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FOR APROVADO COM A EMENDA DO SENADOR JOSÉ PIMENTEL DO PT DO CEARÁ. NA COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS, O SENADOR PIMENTEL SUGERIU ACABAR COM OS REPASSES DO FUNDO DE MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, FUNDEB, PARA AS INSTITUIÇÕES QUE OFERECEM EDUCAÇÃO ESPECIAL, COMO AS-APAES E OS CENTROS DE ENSINO ESPECIAL.

TEC: SOBE E DESCE BG

LOC: O FINANCIAMENTO PARA O ENSINO ESPECIAL FAZ PARTE DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, O PNE, UM DOCUMENTO QUE DEFINE 10 DIRETRIZES E 20 METAS PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL. O PLANO ESTÁ EM TRAMITAÇÃO NO CONGRESSO DESDE 15 DEZEMBRO DE 2010. NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS, O PLANO TEVE UMA LONGA TREJETÓRIA... FOI DISCUTIDO E APROVADO EM OUTUBRO DE 2012, NA CÂMARA DOS DEPUTADOS E SEGUIU PARA O SENADO. A PROPOSTA RECEBEU CRÍTICAS DE PARLAMENTARES COMO DO DEPUTADO FEDERAL, EDUARDO BARBOSA, QUE É CONTRA O CORTE DE FINANCIAMENTO DO FUNDEB, E A MATRÍCULA DE ALUNOS ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES ATÉ 2016.

SONORA 3:

DI: O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DEFINE METAS PARA TODAS AS MODALIDADES ...

DF: E AINDA CONGELA A MATRÍCULA DAS ESCOLAS ESPECIAIS ATÉ 2016.

LOC: O SENADOR JOSÉ PIMENTEL ARGUMENTA EM DEFESA DA PROPOSTA, DIZ QUE A SUBSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO REGULAR PELO ENSINO NAS ESCOLAS ESPECIAIS NÃO TEM AMPARO LEGAL. EM NOTA, DIVULGADA EM 15 DE AGOSTO, O SENADOR RECONHECEU O TRABALHO DAS ENTIDADES DE EDUCAÇÃO ESPECIALIZADA, MAS ALEGA QUE É NECESSÁRIO AJUSTAR O PLANO A CONSTITUIÇÃO E AS DELIBERAÇÕES DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. DE ACORDO COM PIMENTEL, A META 4 APONTA UM NOVO MODELO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

LOC: A DISTÂNCIA ENTRE A EMENDA DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E A REALIDADE DA INCLUSÃO NAS ESCOLAS É APONTADA PELA PROFESSORA DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL 1 DE PLANALTINA ESTELA DALVA.

SONORA 4: ESTELA FALA QUE O PROJETO DE INCLUSÃO É NECESSÁRIO E BONITO, MAS NA PRÁTICA FALTA MUITO PARA FAZER. O IDEAL ERA OS POLÍTICOS SAIR DO GABINETE E IR PARA AS ESCOLAS PARA VER COMO É O ENSINO ESPECIAL.

LOC: A PROPOSTA DE ESTIMULAR A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES DIVIDE OPINIÃO. VALMIRA COSTA, MÃE DE UMA ALUNA QUE ESTUDA NO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL 1 ACREDITA QUE OS CENTROS ESPECIALIZADOS SÃO IMPORTANTES.

SONORA 5:

DI: SE FECHAR ISSO AQUI, ONDE ESSAS CRIANÇAS VÃO FICAR...

DF: ...NÃO GOSTO NEM DE PENSAR.

LOC: PARA EVITAR O CORTE DE FINANCIAMENTO PARA AS ESCOLAS ESPECIAIS, PAIS E PROFESSORES FAZEM MOBILIZAÇÃO, ABAIXO-ASSINADO PELA INTERNET E PARTICIPAM DE AUDIÊNCIA PÚBLICA. A SUPERVISORA PEDAGÓGICA DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE PLANALTINA, ANDREA MARQUES PARTICIPA DAS MOBILIZAÇÕES EM DEFESA DO ENSINO ESPECIAL.

SONORA 6: ANDREA FALANDO DA PARTICIPAÇÃO NA MOBILIZAÇÃO NA ESPLANADA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: O ARTIGO 208 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL, PREVÊ QUE É DEVER DO ESTADO GARANTIR ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO AOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA, DE PREFERÊNCIA NA REDE REGULAR DE ENSINO. A PROFESSORA E PESQUISADORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,

AMARALINDA MIRANDA, ALERTA PARA AS CONSEQUÊNCIAS QUE PODEM SURTIR QUANDO A INCLUSÃO OCORRE SEM PLANEJAMENTO.

SONORA 7:

DI: A PRÓPRIA HISTÓRIA JÁ MOSTROU PRA NÓS QUE ESSA POSIÇÃO RADICAL NÃO É A MELHOR FORMA...

DF: ...O FATO DE VOCÊ COLOCAR UM ALUNO NA ESCOLA DE QUALQUER JEITO, NÃO GARANTE A INCLUSÃO DELE.

LOC: HÁ TAMBÉM GRUPOS SOCIAIS QUE APOIAM E VEEM PONTOS POSITIVOS NA UNIVERSALIZAÇÃO DO ENSINO, COMO A ADVOGADA CLÁUDIA GRABOIS DO MOVIMENTO FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

SONORA 8:

DI: A PROPOSTA VEIO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO...

DF:...NOS DEFEDEMOS A UNIVERSALIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO DE 4 A 17. ESSE É O NOSSO PONTO DE VISTA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: SEGUNDO O FUNDEB, OS ESTADOS E O DF RECEBEM RECURSOS COM BASE NO NÚMERO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. A DISTRIBUIÇÃO É REALIZADA DE ACORDO COM DADOS DO ÚLTIMO CENSO ESCOLAR. EM 2012, O DISTRITO FEDERAL TINHA 11 MIL E NOVECIENTOS ALUNOS MATRICULADOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL, PARA CADA UM FORAM DESTINADOS 3 MIL, DUZENTOS E QUATRO REAIS, POR ANO. COORDENADORA DE BEM ESTAR E SAÚDE DA APAE –DF, CECÍLIA ALECRIM, ESCLARECE QUE O FIM DE REPASSE DO FUNDEB NÃO FECHARÁ AS APAES, MAS PREJUDICA.

SONORA 9:

DI: AS PESSOAS DO MEC DIZEM QUE A BRIGA É PARA SE MANTER, MAS NÃO É...

DF:...A GENTE TEM OUTRAS FONTES DE FINANCIAMENTO, A AJUDA DO GOVERNO VEM MAIS DA SECRETARIA DE ASSISTENCIA SOCIAL E DE SAÚDE.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: AS FORMAS DE APRENDIZAGEM SÃO DIFERENTES NAS ESCOLAS INCLUSIVAS E NOS CENTROS DE ENSINO E ESCOLAS ESPECIALIZADAS. JANINE GALVÃO, PROFESSORA HÁ SETE ANOS NA REDE DE ENSINO DO DF EXPLICA QUE NA ESCOLA ESPECIAL O ALUNO APRENDE DE FORMA DIFERENTE.

SONORA 10:

DI: NEM TODOS TÊM CONDIÇÃO DE IREM PARA A ESCOLA REGULAR...

DF:...NA ESCOLA REGULAR É MAIS O COGNITIVO E ÀS VEZES ELE NÃO CONSEGUE DAR TANTO NESSE LADO COGNITIVO.

LOC: MESMO COM A POLÊMICA SOBRE A MUDANÇA NO FINANCIAMENTO DAS ESCOLAS ESPECIAIS, EXISTE A PREOCUPACAO EM MANTER OS AVANÇOS JÁ CONQUISTADOS. A PSICOLOGA, GABRIELA MIETO, QUE TRABALHOU NA SECRETARIA DE EDUCACAO DO DF, MENCIONA A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO JÁ REALIZADO PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO ESPECIAS, QUE CONTRIBUIU PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS.

SONORA 11:

DI: PELA MINHA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA, SOU CONTRA O FECHAMENTO...

DF:...NÃO É O FECHAMENTO QUE GARATE O SUCESSO DA INCLUSÃO, A GENTE TEM É QUE TRABALHAR DE FORMA DIFERENCIADA.

LOC: PARLAMENTARES, DIRETORES DE CENTRO DE ENSINO, REPRESENTANTES DA APAES E PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO DF ACREDITAM QUE A MUDANÇA NÃO SERÁ APROVADA NO CONGRESSO, DEVIDO AS MOBILIZACOES E AOS DEBATES PARA MANTER O FINANCIAMENTO. O PRESIDENTE DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, O SENADOR

CYRO MIRANDA, DISSE SER FAVORÁVEL AO REPASSE PARA AS ESCOLAS ESPECIALIZADAS.

TEC: ENTRA MÚSICA.

SONORA 12:

DI: NÓS VAMOS RESTABELECER A META 4 COMO ELA VEIO DA CÂMARA.

DF: ISTO É O AMAPARO TOTAL FINANCEIRA E EM TODAS AS ÁREAS PARA AS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

LOC: ALÉM DA INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS, O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO TAMBÉM TRATA DE OUTRAS DISCUSSÕES COMO O INCENTIVO À FORMAÇÃO DE PROFESSORES, OFERTA DE CRECHE PARA CRIANÇAS DE ATÉ TRÊS ANOS E DESTINAÇÃO DE 10% DO PIB, PRODUTO INTERNO BRUTO, PARA POLÍTICAS EDUCACIONAIS. TODAS ESSAS PROPOSTAS SÃO POLÊMICAS E LEVAM TEMPO PARA CHEGAR A UM CONSENSO. O PNE VOLTARÁ A CÂMARA PARA SER APROVADO. A PREVISÃO É QUE O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SEJA ENCAMINHADO PARA A PRESIDÊNCIA EM DEZEMBRO DE 2013.

LOC: NA PRÓXIMA REPORTAGEM SERÁ APRESENTADA A ROTINA DE UM CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DO DF. SAIBA COMO SÃO AS AULAS, O PERFIL DO ALUNO, OS PROFESSORES E O FUNCIONAMENTO DO CENTRO DE ENSINO.

ROTEIRO: SEGUNDA REPORTAGEM**COMO FUNCIONA UM CENTRO DE ENSINO ESPECIAL?**

TEC: ENTRA VINHETA

CHAMADA: NA SEGUNDA REPORTAGEM DA SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL. VOCÊ VAI SABER COMO FUNCIONA UM CENTRO DE ENSINO ESPECIAL. QUEM SÃO OS ALUNOS, COMO SÃO AS AULAS, QUAIS AS ATIVIDADES QUE OS PROFESSORES REALIZAM E COMO É A CONVIVÊNCIA ENTRE OS ALUNOS, PAIS E PROFESSORES. DESCUBRA A REALIDADE DE UM CENTRO DE ENSINO ESPECIAL NO DF.

TEC: ENTRA SOM DAS CRIANÇAS NO PÁTIO DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL.

LOC: PAREDES NAS CORES BRANCA E AZUL CLARO, UMA RAMPA DO LADO ESQUERDO E MAIS A FRENTE À DIREITA, VÁRIAS CADEIRAS DE RODAS. NO MURO BRANCO, LETRAS COLORIDAS FORMAM O NOME DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO. ESSE É O CENTRO DE ENSINO ESPECIAL 01 DE PLANALTINA, ONDE ESTUDAM TREZENTOS E VINTE E DOIS ALUNOS. UMA DAS ESTUDANTES É LUCIANA GUEDES, DE 21 ANOS.

SONORA 1:

DI: AQUI A GENTE FAZ ESTUDA, FAZ TAPETE...

DF: ...A GENTE FAZ UM MONTE DE COISA AQUI.

TEC: ENTRA MÚSICA

LOC: LUCIANA ESTUDA EM UM DOS 13 CENTROS DE ENSINO ESPECIAL DO DISTRITO FEDERAL. ALÉM DE PLANALTINA, OUTRAS DEZ REGIÕES ADMINISTRATIVAS OFERECEM EDUCAÇÃO ESPECIAL. NOS CENTROS DE ENSINOS DO DF ESTÃO MATRICULADOS MAIS DE CINCO MIL E SETECENTOS ALUNOS COM NECESSIDADES FÍSICAS E COM TRANSTORNOS GLOBAIS DE DESENVOLVIMENTO. SÃO OS ALUNOS ESPECIAIS QUE PRECISAM DE MÉTODOS DE APRENDIZAGEM DIFERENTES DAQUELES QUE SÃO APLICADOS

NAS ESCOLAS REGULARES, COMO EXPLICA A SUPERVISORA PEDAGÓGICA DO CENTRO DE ENSINO DE PLANALTINA, ANDRÉA MARQUES.

SONORA 2:

DI: NÓS TEMOS DOIS TIPOS DE CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO...

DF:...E TEM AS OFICINAS QUE AJUDAM A DESENVOLVER TAMBÉM.

TEC: ENTRA MÚSICA

LOC: NO CENTRO DE ENSINO DE PLANALTINA A AULA COMEÇA AS SETE E MEIA, ANTES OS ALUNOS FICAM CANTANDO COM OS PROFESSORES NO PÁTIO, ONDE TEM PÉ DE MANGA E TRÊS JARDINS PEQUENOS COM FLORES. DEPOIS DAS BOAS VINDAS, OS ALUNOS VÃO PARA AS SALAS DE AULA. SÃO 28 TURMAS PELA MANHÃ E 30 DE TARDE. A COORDENADORA JANE GONÇALVES CONTA COMO AS CLASSES SÃO DIVIDIDAS.

SONORA 3:

DI: É DIVIDIDO PELA DEFICIÊNCIA E DEPOIS PELAS ETAPAS.

DF:...TEM ALUNO QUE SABE LER E ESCREVER? TEM, MAS TAMBÉM ALGUM COMPROMETIMENTO QUE IMPEDE DE IR PARA O ENSINO REGULAR.

LOC: AS SALAS DE AULA FICAM AO REDOR DO PÁTIO, SÃO DISTRIBUÍDAS NOS QUATRO CANTOS. PRÓXIMO AS SALAS FICAM CINCO MURAI, EM SETEMBRO, FALAVAM SOBRE A PRIMAVERA. A ESTAÇÃO TAMBÉM FOI O TEMA DA AULA DA PROFESSORA ESTELA DALVA, QUE ENSINA AOS ALUNOS ACIMA DE 15 ANOS, COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.

TEC: ENTRA MÚSICA.

TEC: TRECHO DA AULA DA PROFESSORA ESTELA.

LOC: A TURMA DA PROFESSORA ESTELA DALVA TEM 14 ESTUDANTES. ALÉM DAS AULAS DE ALFABETIZAÇÃO, PORTUGUÊS, MATEMÁTICA. ELES

PARTICIPAM DE OFICINAS DE TAPEÇARIA, TEATRO E CULINÁRIA, AONDE APRENDEM A FAZER BISCOITO DE QUEIJO, TORTAS E TAREFAS DO COTIDIANO.

SONORA 4:

DI: NESSAS TURMAS OS ALUNOS TEM FACILIDADE DE ASSIMILAR OS CONTEÚDOS...

DF: ENTÃO ESSES QUE FAZEM LEITURA VISUAL A GENTE COLOCA DESENHOS PARA ELES ENTENDEREM TAMBÉM.

LOC: TRÊS ALUNOS DA TURMA DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL PARTICIPAM AINDA DA ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO COM A PROFESSORA NEIDE SAMICO. A ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO É UM DIFERENCIAL DOS CENTROS DE ENSINO, E NÃO É COMUM NAS ESCOLAS REGULARES.

SONORA 5:

DI: ELES VÃO SE REAFIRMAR ATRAVÉS DO TRABALHO...

DF:...SE ELE TIVER PROBLEMA NA ADAPTAÇÃO DO TRABALHO EM OUTRO HORÁRIO EU FALO COM ELE.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: NA SALA DA PROFESSORA NEIDE SAMICO TEM POUCOS RECURSOS, APENAS UM QUADRO BRANCO E UM COMPUTADOR. FALTAM MATERIAIS INTERATIVOS, TECNOLÓGICOS E JOGOS DIDÁTICOS QUE IRIAM COLABORAR NAS AULAS. OUTRO PROBLEMA DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL É A FALTA DE ADAPTAÇÃO FÍSICA. OS QUATRO BANHEIROS TÊM APENAS EQUIPAMENTOS BÁSICOS COM BARRAS DE FERRO E MACA PARA TROCAR FRAUDAS. SEGUNDO A ANDRÉA MARQUES, A QUALIDADE DO ENSINO PODERIA SER MELHOR SE TIVESSE MELHORES CONDIÇÕES DE FUNCIONAMENTO

SONORA 6:

DI: NOSSA ESCOLA ERA UMA ESCOLA REGULAR...

DF: TEM BANHEIROS PÚBLICOS MAIS ADAPTADOS QUE OS DA NOSSA A ESCOLA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: ENQUANTO AS AULAS OCORREM, MÃES AGUARDAM OS FILHOS DENTRO DA ESCOLA, NO PORTÃO. UMA DELAS É SHIRLEIDE SOUZA, MÃE DO LUCAS SOUZA DE 12 ANOS, QUE TEM DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS E AUTISMO. SHIRLEI MORA EM PLANALTINA E SÓ VOLTA PARA CASA QUANDO A AULA DO LUCAS TERMINA.

SONORA 7:

DI: ÔNIBUS NA MINHA RUA NÃO PASSA...

DF: ENTÃO PRA IR E VOLTAR DE PÉ EU NÃO DOU CONTA, É MELHOR FICAR AQUI.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: DO LADO DE FORA DO PÁTIO, PERTO DO LOCAL ONDE AS MÃES ESPERAM OS FILHOS FICAM A HORTA, UM PARQUINHO COM BALANÇO E ESCORREGADOR NA AREIA, A QUADRA DE ESPORTE E UMA PISCINA COBERTA. NESSA PISCINAA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÔNIA TUNES, FAZ ATIVIDADES COM OS ESTUDANTES, EM AULAS QUE DURAM 45 MINUTOS.

SONORA 8: SONIA FALANDO SOBRE AS AULAS.

DI:A GENTE TRABALHA PARA O ALUNO SE DESENVOLVER MELHOR NA ÁGUA...

DF:... QUEM É HIPERATIVO, FICA MAIS TRANQUILO, E QUEM É ACANHADO, SE SOLTA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: ANGELINA, FILHA DA VALMIRA COSTA, TEM TRÊS ANOS E QUATRO MESES E PARTICIPA DE ATIVIDADES NA PISCINA. ANGELINA FOI ENCAMINHADA PARA O CENTRO POR CONTA DAS TEM CONVULSÕES DIÁRIAS, DEVIDO A SÍNDROME DE UESTE. A ALUNA DE CABELOS PRETOS, QUE USA O UNIFORME BRANCO E VERMELHO E UM ÓCULOS LILÁS FAZ PARTE DOS CENTO E QUARENTA E QUATRO ALUNOS DA EDUCAÇÃO PRECOCE DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE PLANALTINA. NA EDUCACAO PRECOCE OS ALUNOS PARTICIPAM DAS ATIVIDADES DE UMA MANEIRA MAIS LÚDICA. LUCIANA DE PAULA, COORDENADORA DA EDUCAÇÃO PRECOCE, CONTA MELHOR COMO O FUNCIONA A MODALIDADE DE ENSINO.

SONORA 9:

DI: DESDE O ENGATINHAR É TRABALHADO AQUI...

DF: ... A GENTE TIRA DA BRINCADEIRA O RESULTADO DO NOSSO TRABALHO.

LOC: A SALA DE AULA DE ANGELINA TEM BRINQUEDOS, DESENHOS DE BICHINHOS NA PAREDE, ALMOFADA EM FORMATO DE FLOR, BOLAS E TAPETES EMBORRAJADOS COLORIDOS. NA PORTA DA SALA FICAM BANCOS COLORIDOS ONDE AS MÃES AGUARDAM O FIM DA AULA, DE UMA HORA E MEIA. ANGELINA NÃO ANDA, FALA POUCAS PALAVRAS, MAS SUA MÃE VALMIRA COSTA JÁ PERCEBE MELHORIAS DEPOIS QUE A FILHA COMEÇOU A FREQUENTAR A EDUCAÇÃO PRECOCE, HÁ NOVE MESES.

SONORA 10:

DI: AQUI ELA APRENDEU A SENTAR, A SUSTENCAO DA COLUNA...

DF: ...NOSSA ELA MELHOROU MUITO.

LOC: ALUNOS QUE SE DESENVOLVEM BEM DURANTE AS ATIVIDADES NOS CENTROS DE ENSINO PODEM SER ENCAMINHADOS PARA O ENSINO REGULAR, DEPOIS DE UMA AVALIAÇÃO DE PEDAGOGOS, PSICOLOGOS E CONSELHO DE CLASSE. E É O FUNCIONAMENTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA QUE SERÁ APRESENTADA NA PRÓXIMA REPORTAGEM DA SÉRIE.

ROTEIRO: TERCEIRA REPORTAGEM

COMO FUNCIONA UMA ESCOLA INCLUSIVA?

TEC: ENTRA VINHETA

CHAMADA: COMO FUNCIONA UMA ESCOLA INCLUSIVA É O TEMA DA TERCEIRA REPORTAGEM DA SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL. DESCUBRA COMO OCORRE A INCLUSÃO E COMO É A DINÂMICA DAS AULAS NA ESCOLA REGULAR, AS DIFICULDADES DO ENSINO INCLUSIVO E A OPINIÃO DOS PAIS. SAIBA AGORA COMO É A ROTINA EM ESCOLA INCLUSIVA.

TEC: TRECHO, BREVE, DA MÚSICA ASA BRANCA, LUIZ GONZAGA.

LOC: ESSA É UMA DAS MÚSICAS QUE MILENA CAROLINE PEREIRA, DE 11 ANOS, ESTÁ APRENDENDO A TOCAR NO VIOLÃO. A DEFICIÊNCIA VISUAL NÃO IMPEDIU MIRELA DE TOCAR VIOLÃO, DANÇAR E ESTUDAR NA ESCOLA CLASSE 410, LOCALIZADA NA ASA SUL, BRASÍLIA.

SONORA 1: MIRELA NA FALANDO QUE ESTA APRENDENDO TOCAR VIOLÃO

LOC: MIRELA MORA EM SÃO SEBATIÃO, E PERCORRE MAIS DE TRINTA E SETE KILOMETROS DE ÔNIBUS PARA CHEGAR NA ESCOLA, ONDE CURSA O QUINTO ANO, EM CLASSE REGULAR. A ALUNA DE CABELOS NEGROS, MAGRA E MUITO COMUNICATIVA, PRECISA ACORDAR ANTES DAS CINCO HORAS DA MANHÃ PARA CUMPRIR A ROTINA AGITADA TODOS OS DIAS.

SONORA 2: MIRELA FALANDO DA SUA ROTINA.

TEC: ENTRA RUÍDOS DA ESCOLA.

LOC: MIRELA TEM QUE CHEGAR NA ESCOLA ANTES DAS SETE E MEIA, HORÁRIO DA AULA. NA ESCOLA CLASSE 410 SUL, ESTUDAM DUZENTOS E VINTE ALUNOS. DESSES, SESSENTA TÊM ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA FÍSICA OU INTECTUAL. A ESCOLA É DO PRIMEIRO AO QUINTO ANO E FUNCIONA EM DOIS TURNOS, COM OITO TURMAS EM CADA PERÍODO. PELA MANHÃ TEM SEIS

CLASSES INCLUSIVAS, DUAS TURMAS ESPECIAIS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS E DUAS SALAS DE RECURSOS, QUE AUXILIAM O APRENDIZADO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E INTELECTUAL.

LOC: UMA DAS TURMAS INCLUSIVAS É DA PROFESSORA VERA LÚCIA SILVA. NA CLASSE REGULAR DA PROFESSORA VERA ESTUDAM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL, INTELECTUAL E BAIXA VISÃO.

SONORA 3: PROFESSORA VERA EXPLICANDO COMO AS AULAS ACONTECEM E O QUE PRECISA MELHORAR.

LOC: A PROFESSORA VERA JÁ LECIONOU EM CENTRO DE ENSINO ESPECIAL E DIFERENCIA COMO É A DINÂMICA NA ESCOLA INCLUSIVA E EM UM CENTRO DE ENSINO.

SONORA 4: PROFESSORA VERA EXPLICA AS DIFERENÇAS DO CENTRO DE ENSINO E ESCOLA REGULAR INCLUSIVA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: NA ESCOLA DA 410 O PÁTIO É COBERTO, TEM CHÃO ADAPTADO PARA DEFICIENTES VISUAIS E UM PALCO PEQUENO PARA APRESENTAÇÕES. OS BANHEIROS SÃO DE USO COMUM, PARA TODOS OS ALUNOS. EM APENAS UM BANHEIRO QUE É SEPARADO TEM MACA E BARRAS PARA APOIO. ENTRE AS SALAS, TÊM MURAISS ASSIM COMO NO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE PLANALTINA, A ESCOLA CONTA AINDA COM UM LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA E UMA BIBLIOTECA CHAMADA MONTEIRO LOBATO. PRÓXIMO A BIBLIOTECA QUE TEM OS DESENHOS DA EMÍLIA E DO VISCONDE NA PORTA, FICA UMA TURMA ESPECIAL CONDUZIDA PELA PROFESSORA MARIA LUSELENA FERNANDES. ESSA TURMA É FORMADA COM QUATRO ALUNOS DE IDADES DIFERENTES E COM ALGUM COMPROMETIMENTO, POR ISSO ESTUDAM EM UMA TURMA ESPECIAL.

SONORA 5: PROFESSORA MARIA LUSELENA FALANDO DA TURMA E DOS ALUNOS.

LOC: A SALA PEQUENA DA PROFESSORA MARIA LUSELENA É TODA DECORADA COM TRABALHOS QUE OS ALUNOS JÁ DESENVOLVERAM COMO COLAGENS SOBRE O DIA DA BANDEIRA. AS SALAS DE RECURSOS TAMBEM SÃO DECORADAS COM CARTAZES E DESENHOS, ALÉM DE TEREM COMPUTADORES, ARMÁRIOS, MESAS REDONDAS E CARTAZES. NAS SALAS DE RECURSOS SÃO OFERECIDOS REFORÇO PARA ALUNOS ESPECIAIS. QUEM NOS CONTA MAIS SOBRE O TRABALHO REALIZADO É CÉLIA LOLI, PROFESSORA DE SALA DE RECURSO E MÃE DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN, QUE TAMBÉM ESTUDA NA ESCOLA.

SONORA 6: CÉLIA DE COMO É O TRABALHO.

LOC: CÉLIA É MÃE DO KEVIM, QUE TEM 10 ANOS E ESTUDA NO SEGUNDO ANO. CÉLIA PERCEBE QUE O FILHO TEM DESENVOLVIDO E ESTA INCLUIDO NA ESCOLA.

SONORA 7: CÉLIA FALANDO DA INCLUSÃO DO FILHO E DOS AVANÇOS QUE O FILHO JÁ TEVE.

LOC: O FILHO DE AZENIR ANA DE JESUS TAMBÉM FAZ PARTE DA INCLUSÃO. TIAGO DE JESUS TEM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E ESTUDA NO SEGUNDO ANO EM UMA TURMA REGULAR E INCLUSIVA.

SONORA 8: MÃE FALANDO DA INCLUSÃO DO ALUNO NA ESCOLA.

LOC: ALGUMAS MÃES APONTAM FALHAS NA FORMA DE ENSINO DA ESCOLA COMO MARIA DE FÁTIMA DA CONCEIÇÃO, MÃE DA ESTELA, DE NOVE ANOS, QUE ESTUDA EM UMA TURMA ESPECIAL.

SONORA 9: MARIA FALANDO DOS PROBLEMAS DO ENSINO NA ESCOLA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: EM UMA ESCOLA INCLUSIVA, O RECREIO É UM BOM MOMENTO PARA OBSERVAR A INTERAÇÃO DOS ALUNOS. NO MEIO DA CORREIRIA E BRINCADEIRAS, ALUNOS JOGAM FUTEBOL NA QUADRA QUE NÃO É COBERTA, OUTROS CONVERSAM E CANTAM. A INTERAÇÃO OCORRE, PORÉM ALGUNS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA PREFEREM FICAR MAIS TRANQUILOS, COM OS MONITORES E PROFESSORES, COMO É O CASO DA MIRELA.

SONORA 10: MILENA EXPLICANDO O QUE FAZ NO RECREIO.

LOC: A AVÓ DE MIRELA, SONIA PEREIRA JÁ PRECISOU IR À ESCOLA CONVERSAR COM OS PROFESSORES E PEDIR PARA QUE MELHORASE A INCLUSÃO DA NETA..

SONORA 11: SONIA FALANDO QUE JÁ FALOU COM A PROFESSORA E JÁ CONVERSOU COM A NETA TAMBÉM.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: NEM SEMPRE OS LIMITES DE UM ALUNO ESPECIAL SÃO COMPREENDIDOS POR TODOS OS ESTUDANTES DA ESCOLA. POR OUTRO LADO GABRIELA, DE OITO ANOS, ESTUDA NO TERCEIRO ANO E FICA FELIZ EM CONVIVER COM COLEGAS QUE TÊM NECESSIDADES ESPECÍFICAS.

SONORA 12: GABRIELA FALANDO QUE GOSTA DE ESTUDAR COM ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

LOC: NA SEMANA EM QUE AS ENTREVISTAS FORAM REALIZADAS, A ESCOLA TEVE UMA PROGRAMAÇÃO DIFERENTE PARA COMEMORAR O DIA NACIONAL DE LUTA DOS DIREITOS DOS DEFICIENTES, UMA DAS APRESENTAÇÕES FOI A PALESTRA DO ATLETA ADALTO BELI, DEFICIENTE VISUAL. ADALTO JÁ REPRESENTOU O BRASIL EM PROVAS DE ATLETISMO E FALA DA CONTRIBUIÇÃO DO ESPORTE PARA A INCLUSÃO.

SONORA 13: ADALTO FALANDO DA IMPORTÂNCIA DO ESPORTE E DE FALAR DAS DEFICIÊNCIAS.

LOC: APRESENTAR OS PROBLEMAS E AS NECESSIDADES DOS ESTUDANTES AJUDA A ENTENDER POR QUE OS ALUNOS ESPECIAIS PRECISAM DE UMA DINÂMICA DE AULA DIFERENTE. ESSE É UM DOS TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS NA PRÓXIMA REPORTAGEM DA SÉRIE.

ROTEIRO: QUARTA REPORTAGEM**POR QUE ALUNOS ESPECIAIS PRECISAM DE UM ENSINO DIFERENTE?**

TEC: ENTRA VINHETA

CHAMADA: NO MOMENTO EM QUE SE DISCUTE SE DEVE OU NÃO INVESTIR DINHEIRO PÚBLICO PARA MANTER ESCOLAS ESPECIAIS A QUARTA REPORTAGEM ABORDA SE É POSSÍVEL UM ENSINO QUE ATENDA AS NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS ALUNOS. QUAIS AS ADAPTAÇÕES QUE PRECISAM SER FEITAS PARA MELHORAR A APRENDIZAGEM DO ALUNO ESPECIAL? COMO A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PODE AJUDAR NOS AVANÇOS DOS ALUNOS ESPECIAIS? AS RESPOSTAS PARA ESSAS QUESTÕES ESTÃO NA QUARTA REPORTAGEM DA SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: FUGIR DE AULAS MONÓTONAS, QUE UTILIZAM APENAS O QUADRO, GIZ E CADERNOS E OPTAR POR MATERIAIS DIDÁTICOS. É UMA OPÇÃO PARA DESPERTAR INTERESSES EM TODOS OS ESTUDANTES, PRINCIPALMENTE DOS ALUNOS ESPECIAIS. A PROFESSORA VERA LÚCIA DA ESCOLA 410 SUL USA VÁRIOS RECURSOS PARA ENSINAR NA TURMA INCLUSIVA, QUE TEM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E INTELECTUAL.

SONORA 1: PROFESSORA VERA EXPLICA COMO CONDUZ A AULA E FALA DOS RECURSOS QUE UTILIZA.

LOC: NO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE PLANALTINA A PROFESSORA EDNA ALMEIDA ASSOCIA AS ATIVIDADES ESCOLARES COM A ROTINA DOS ALUNOS COM TRANSTORNO GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO, CONHECIDO COMO TGD.

SONORA 2: EDNA FALANDO DA FORMA DE ENSINO QUE ADOTA.

LOC: MAS NÃO SÃO TODAS AS ESCOLAS QUE OFERECEM MATERIAIS DINÂMICOS QUE AJUDAM A DEIXAR AS AULAS MAIS INTERESSANTES. A COORDENADORA DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE PLANALTINA LUCIANA DE PAULA CONTA QUE É PRECISO GASTAR DO PRÓPRIO BOLSO COM OS MATERIAIS USADOS NAS AULAS.

SONORA 3: LUCIANA FALANDO QUE PROFESSORA COMPRA O MATERIAL PORQUE FALTAM RECURSOS.

LOC: INDEPENDENTE DA FALTA DE RECURSOS, OS ALUNOS ESPECIAIS PRECISAM DE AUXÍLIO PARA APRENDER COM MAIS QUALIDADE, E AS SALAS DE RECURSOS AJUDAM NA APRENDIZAGEM. MIRELA PEREIRA, FREQUENTA A SALA DE RECURSO PARA DEFICIENTE VISUAL TODA QUINTA FEIRA À TARDE, ALÉM DAS AULAS REGULARES QUE TEM PELA MANHÃ NA ESCOLA DA 410. A AVÓ, SONIA PEREIRA, ACOMPANHA A VIDA ESCOLAR DA NETA E CONTA QUE NA SALA DE RECURSO MIRELA APRENDE BRAILLE E TEM TAREFAS ADAPTADAS.

SONORA 4: SONIA FALA QUE A PROFESSORA PASSA PARA O BRAILLE AS ATIVIDADES DA TURMA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: AS ADAPTAÇÕES PARA O ENSINO DE ALUNOS ESPECIAIS OCORREM NA REDE PÚBLICA DO DF E TAMBÉM NA APAE. A COORDENADORA DE BEM-ESTAR E SAÚDE, CECÍLIA ALECRIM EXPLICA QUE O ATENDIMENTO É ADAPTADO AO TIPO DE DEFICIÊNCIA DO ALUNO.

SONORA 5: CECÍLIA EXPLICANDO QUE A ESPECIFICIDADE AFETA O ATENDIMENTO.

LOC: O ENSINO VOLTADO PARA A ESPECIFICIDADE DO ALUNO ESPECIAL É VISTO PELA PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, AMARALINA MIRANDA COMO UM DIREITO, E NÃO APENAS COMO UMA NECESSIDADE.

SONORA 6: AMARALINA FALA QUE O ALUNO TEM DIREITO AO ACESSO DE UM ENSINO DIFERENCIADO.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES É UM PONTO FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE ENSINO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS. A PROFESSORA FLÁVIA RAMOS CONCILIA HÁ 17 ANOS A ROTINA DE DAR AULAS E OS CURSOS DE QUALIFICAÇÃO. EM 2013, FLÁVIA PEDIU LICENÇA DA SALA DE AULA PARA FAZER MESTRADO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

SONORA 7: FLAVIA FALA DA IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO.

LOC: A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DISPONIBILIZA CURSOS, MAS PROFESSORES COMO ANDREA MARQUES INVESTEM NA PRÓPRIA CAPACITAÇÃO.

SONORA 8: ANDREA FALA QUE É PRECISO PAGAR CURSOS SE QUISER SE QUALIFICAR MELHOR, MESMO A SEDF OFERECENDO CURSOS.

LOC: ALÉM DAS AULAS MAIS ELABORADAS E DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, OUTRO FATOR CONTRIBUI PARA QUE OS ALUNOS ESPECIAIS APRENDAM COM MAIS FACILIDADE, É O ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO. GABRIELA MIETO JÁ DESENVOLVEU ESSE TRABALHO DURANTE 13 ANOS COMO PSICÓLOGA NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DF.

SONORA 9: GABRIELA FALA DA IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: PARA EVITAR COBRANÇA EM EXCESSO DO ALUNO, O PROFESSOR DEVE APRENDER A COMBINAR O APRENDIZADO E AS NECESSIDADES DO ESTUDANTE. A SUPERVISORA DO CENTRO DE ENSINO DE PLANALTINA,

ANDREA MARQUES, JÁ TEVE TURMAS COM ALUNOS ESPECIAIS E PRECISOU PLANEJAR AS TAREFAS PEDAGÓGICAS DE FORMA DIFERENTE, QUANDO TRABALHOU COM ESTUDANTES ESPECIAIS.

SONORA 10: ANDREA EXPLICA QUE O PLANEJAMENTO DE ENSINO MUDA DE ACORDO COM A NECESSIDADE DO ALUNO.

LOC: O PLANEJAMENTO VOLTADO PARA A NECESSIDADE DO ALUNO É UM FATOR QUE CONTRIBUI PARA QUE ESCOLAS PÚBLICAS SEJAM ESCOLHIDAS PARA MATRICULAR ALUNOS ESPECIAIS. A PSICOLOGA GABRIELA MIETO CONTA QUE AS ESCOLAS PARTICULARES SÃO A SEGUNDA OPÇÃO DOS PAIS, QUANDO VÃO MATRICULAR OS FILHOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS.

SONORA 11: GABRIELA EXPLICA PORQUE OS PAIS ESCOLHEM A ESCOLA PÚBLICA E FALA DOS AVANÇOS NA REDE PÚBLICA TAMBÉM.

LOC: O COORDENADOR DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ANTÔNIO LEITÃO, RECONHECE QUE AINDA É PRECISO INVESTIR MAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO DF.

SONORA 12: ANTÔNIO FALA QUE TODAS AS ESCOLAS SÃO INCLUSIVAS E CITA AS DIFICULDADES EXISTEM.

LOC: APESAR DAS DIFICULDADES QUEM DÁ AULA PARA ALUNOS ESPECIAIS FICA ORGULHOS E RECOMPENSADO AO VER O PROGRESSO DOS ALUNOS. A PROFESSORA EDNA SE EMOCIONA AO FALAR DO TRABALHO REALIZADO NA TURMA DE TGD, O TRANSTORNO GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO.

SONORA 13: EDNA FALA COMO É O MÉTODO DE ENSINO, AS ATIVIDADES E SE CHORA AO FALAR DO SEU TRABALHO.

LOC: OUTRAS PROFESSORAS E PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL CITAM A QUESTÃO DO AMOR E DA GRATIDÃO AO FALAREM DA EXPERIÊNCIA DE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL.

SONORA 14: VERA FALA DA EXPERIÊNCIA

SONORA 15: CECÍLIA FALA DA EXPERIÊNCIA

SONORA 16: GABRIELA FALA DA EXPERIÊNCIA

SONORA 17: ANDREA FALA DA EXPERIÊNCIA

LOC: E ASSIM COMO NAS ESCOLAS, O AFETO E CARINHO SÃO MUITO PRESENTES NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS. E É A EXPERIÊNCIA DE UMA FAMÍLIA COM UM FILHO ESPECIAL QUE SERÁ ABORDADA NA ÚLTIMA REPORTAGEM.

ROTEIRO: QUINTA REPORTAGEM

COMO É A VIDA DE UMA FAMÍLIA COM ALUNO ESPECIAL?

TEC: SOBE VINHETA.

CHAMADA: O QUE MUDA NA VIDA DE UMA FAMÍLIA QUE TEM UM FILHO ESPECIAL? COMO AS MÃES CONCILIAM A CRIAÇÃO DE UM FILHO ESPECIAL COM O TRABALHO? COMO OS FAMILIARES LIDAM COM O PRECONCEITO? SAIBA COMO É A ROTINA DA FAMÍLIA QUE TEM UM ALUNO ESPECIAL NA ÚLTIMA REPORTAGEM DA SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL.

TEC: MÚSICA MIXADA A RUÍDOS DA CRIANÇA EM CASA

LOC: A CHEGADA DE UM FILHO MUDA A VIDA, ALTERA ROTINA, TRABALHO, CASAMENTO, QUARTOS DA CASA. E QUANDO O FILHO TEM NECESSIDADES ESPECIAIS, AS MUDANÇAS PODEM SER AINDA MAIORES.

TEC: SUBIR E DESCER BG

SHIRLEIDE SOUZA, POR EXEMPLO, MUDOU DE CIDADE. SAIU DE CAVALCANTI, GOIAS E FOI PARA PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL PARA QUE O FILHO LUCAS, COM DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS E AUTISMO, TIVESSE MAIS ESTRUTURA E PUDESSE SE DESENVOLVER MELHOR.

SONORA 1: SHIRLEIDE CONTA PORQUE MUDOU DE CIDADE.

LOC: SE DEDICAR QUASE EXCLUSIVAMENTE AO FILHO COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS É COMUM ENTRE AS MÃES. VALMIRA COSTA DEIXOU O TRABALHO DEPOIS QUE ANGELINA NASCEU. O NASCIMENTO DA FILHA COM SÍNDROME DE UESTE, MUDOU A VIDA DA FAMÍLIA HA 3 ANOS.

SONORA 2: VALMIRA CONTA QUE NÃO TRABALHA MAIS E QUE O PAI, AS VEZES, PRECISA FALTAR PARA AJUDAR LEVAR A FILHA AO MÉDICO, ESCOLA.

LOC: EM CASA, AS ADAPTAÇÕES E OS CUIDADOS DOS PAIS TAMBÉM SÃO NECESSÁRIOS. MARIA DE FÁTIMA ENSINA E AJUDA ESTELA, DE 10 ANOS COM DIFICULDADES MOTORAS A REALIZAR AS TAREFAS NO DIA A DIA.

SONORA 3: MÃE CONTA QUE NAS TAREFAS DO COTIDIANO COMO TOMAR BANHO, TROCAR DE ROUPAR.

LOC: SÃO DETALHES SIMPLES, AVANÇOS PEQUENOS DOS FILHOS QUE PASSAM A SER ACOMPANHADOS ATENTAMENTE PELAS MÃES. A SÍNDROME DE DOWN DO FILHO FEZ CÉLIA LOLI VIVENCIAR AS FASES DO KEVIM DE FORMA DIFERENTE.

SONORAS 4: CÉLIA CONTA QUE CADA AVANÇO CHAMA ATENÇÃO E SE TORNA ESPECIAL.

LOC: AS MÃES NÃO FICAM FELIZES APENAS COM AS CONQUISTAS ESCOLARES. VER ESTELA OBEDECENDO JÁ DEIXA A MÃE MARIA DE FÁTIMA FELIZ DA VIDA.

SONORA 5: MARIA CONTA QUE FICA FELIZ QUANDO SAI E A FILHA FICA QUIETA.

LOC: OS PAIS AFIRMAM QUE ENTENDER AS NECESSIDADES DO FILHO, EDUCAR, COLOCAR LIMITES, PROCURAR UMA ESCOLA DE QUALIDADE SÃO TAREFAS DIFÍCEIS. MAS O PIOR É LIDAR COM PRECONCEITO DAS PESSOAS COMO CONTA SHIRLEIDE.

SONORA 6: SHIRLEIDE FALA QUE TEM UM FILHO NÃO É DOENTE, É ESPECIAL.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: A ESCOLA É UM LUGAR ONDE DENISE DE 15 ANOS, DEFICIENTE AUDITIVA, NÃO SOFRE COM O PRECONCEITO. ISSO É O QUE MOTIVA A MÃE

SHIRLEI DA LUZ A SAIR DE BRAZILINHA, GOIAS, TODOS OS DIAS PARA LEVAR A FILHA AO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL EM PLANALTINA NO DF.

SONORA 7: SHIRLEI CONTA QUE MESMO CANSADA LEVA A FILHA, PORQUE É O ÚNICO LUGAR QUE A FILHA CONVIVE COM OUTRAS PESSOAS.

LOC: EM ALGUNS CASOS OS FAMILIARES TÊM MAIS DIFICULDADES PARA EDUCAR O FILHO ESPECIAL E CONVIVER COM O PRECONCEITO DAS OUTRAS PESSOAS. PARA A PSICOLOGA GABRIELA MIETO O ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PODE AUXILIAR AS FAMÍLIAS.

SONORA 8: FALA DA IMPORTÂNCIA DA DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA A FAMÍLIA.

LOC: DEPOIS DA NOTÍCIA INESPERADA, AS MÃES PERCEBEM QUE TER UM FILHO ESPECIAL É APRENDER TODO DIA. É UMA EXPERIÊNCIA QUE TRANSFORMA A VIDA DE UMA MÃE COMO SHIRLEIDE SOUZA QUE CONFESSA SER HOJE UMA PESSOA MELHOR DEPOIS DO NASCIMENTO DO FILHO LUCAS.

SONORA 9: SHIRLEIDE FALA QUE SE TORNOU UMA PESSOA MELHOR.

LOC: A SÍNDROME DE DOWN NÃO IMPEDE KEVIM, UM GAROTO LOIRINHO, SORRIDENTE E QUE USA ÓCULOS VERMELHO DE ESTUDAR E BRINCAR NA ESCOLA CLASSE 410, DA ASA SUL E DE ENSINAR LIÇÕES DIÁRIAS PARA A MÃE CÉLIA.

SONORA 10: CÉLIA CONTA QUE APRENDE MUITO COM O FILHO E QUE É GRATA A DEUS POR SER MÃE DELE.

LOC: A DEDICAÇÃO AOS ALUNOS ESPECIAIS TAMBÉM FAZ PARTE DA VIDA DAS AVÓS. SOLANGE DE JESUS, PAROU DE TRABALHAR PARA CUIDAR DA NETA GIOVANA, QUE TEM CONFUSÕES POR CAUSA DA SÍNDROME DE UESTE.

SONORA 11: SOLANGE CONTA QUE PAROU DE TRABALHAR PARA AJUDAR A FILHA A CUIDAR DA NETA.

TEC: ENTRA MÚSICA.

LOC: A VIDA DE SONIA PEREIRA GANHOU NOVOS DESAFIOS DEPOIS QUE COMEÇOU A AJUDAR O FILHO A CRIAR A NETA. A RESPONSABILIDADE DA AVÓ SE TORNOU AINDA MAIOR DEPOIS QUE O FILHO FALECEU, E ELA E O ESPOSO PASSARAM A EDUCAR A NETA. POR CONTA DA DEFICIÊNCIA VISUAL DE MIRELA, A AVÓ PASSOU A ACOMPANHAR A ROTINA DA MENINA, PRINCIPALMENTE NA ESCOLA.

SONORA 12: CONTA QUE LEVA MIRELA PARA A ESCOLA E ACOMPANHA AS ATIVIDADES DIÁRIAS DA NETA.

LOC: PARA AJUDAR NAS ATIVIDADES ESCOLARES DA MIRELA, SONIA TENTOU ATÉ APRENDER BRAILE.

SONORA 13: TENTOU APRENDER BRAILE, MAS NÃO CONSEGUIU, ACHA DIFÍCIL.

LOC: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA QUE TEM UM ALUNO ESPECIAL NA ESCOLA É DIFERENTE. A CORDENADORA DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL LUCIANA DE PAULA DIZ QUE A APROXIMAÇÃO DOS PAIS COLABORA COM O PROGRESSO DA CRIANÇA .

SONORA 14 : DIZ QUE PRECISA TER UM CASAMENTO ENTRE ESCOLAS E PAIS.

LOC: AO SE APROXIMAR DA ESCOLA, OS PAIS ENTENDEM QUE EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E A INCLUSÃO SOCIAL DOS FILHOS ESPECIAIS SÃO DIREITOS COMO AFIRMA A PEDAGOGA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA AMARALINA MIRANDA.

SONORA 15: FALA QUE A EDUCAÇÃO É UM DIREITO

LOC: CONHECER ESSES DIREITOS É UMA FORMA DA FAMÍLIA AJUDAR E CONTRIBUIR PARA AS CONQUISTAS DOS FILHOS, SEJA NA ESCOLA OU NA VIDA.

CRÉDITOS: A SÉRIE APRENDER DIFERENTE É NORMAL É O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA GRADUANDA RAFAELLA FELIX DA FACULDADE DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. ORIENTAÇÃO DE NÉLIA DEL BIANCO. TRABALHOS TÉCNICOS CARLOS JÚNIOR. VOZES DE GUSTAVO GARCIA E BRUNA CHAVES.